NÚMERO 30 ★ ANO V ★ 1946

PANORAMA

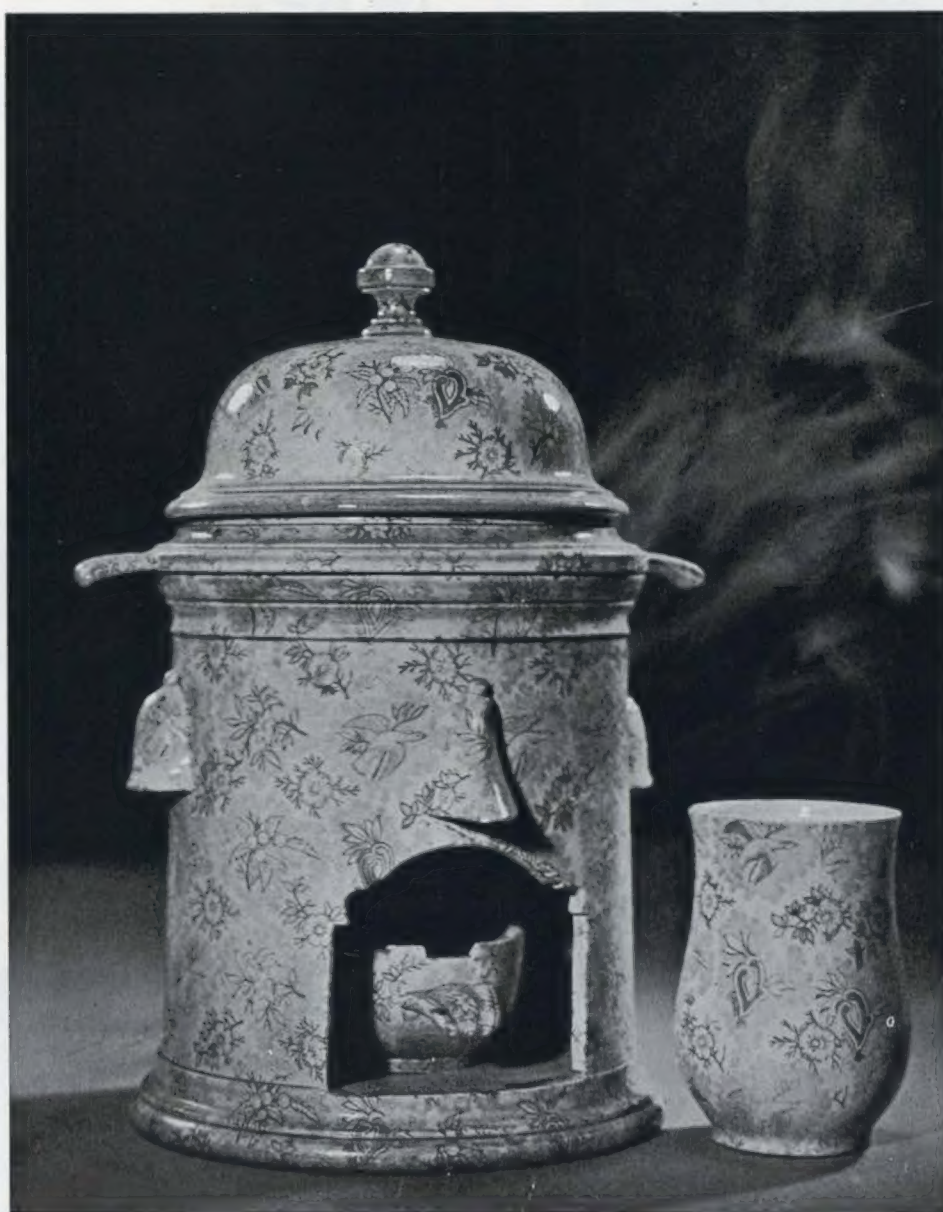
REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE
NEC TEMERE
NEC TIMIDE
DE
PORTUGAL
PORTO
As melhores uvas do DOURO garantem...
A ALTA QUALIDADE
DOS VINHOS QUE A
Real Vinicola
EMBARCA PARA TODO O MUNDO
SECO

NESCAFÉ

instantâneo

o café sem cafeteira

UM PRODUTO **NESTLÉ**

Aqui se aconselha...

A CASA VIEIRA CAMPOS (antiga Casa Figueiredo), da R. da Prata, 215, não é especializada só em material ligeiro para Campismo. Também já firmou o seu nome na construção de material de acampamentos, fornecendo importantes empresas coloniais e as principais Missões Científicas às Colónias. Tudo para campismo e acampamentos de longa duração, encontra-se em boas condições de preço e qualidade na Casa Vieira Campos, de Lisboa.

ESTÁ tratando da decoração da sua casa? Ou talvez tenha necessidade de escolher um brinde de «bom gosto», para oferecer a alguém de amizade. Aqui o aconselhamos que procure ver a grande variedade de excelentes FERROS ARTÍSTICOS — candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados e em exposição na SERRALHARIA ARTÍSTICA de Vicente Joaquim Esteves, na R. das Amoreiras, 88, em Lisboa.

O ENXUGADOR «TANK», que já provou indiscutìvelmente a sua utilidade e facilidade de uso — demonstra-o a enorme venda que tem — é o mais moderno tipo de mata-borrão para secretária. Assim, aqui se aconselha a quem ainda não se serve do ENXUGADOR «TANK» que não deixe de experimentá-lo. E então nunca mais deixará de ter um TANK na sua mesa de trabalho.

TOME nota desta firma e do seu endereço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.

que leia, veja e compre

POR que estamos atravessando a época das chuvas e do frio, não deve deixar de prevenir-se com uma explêndida GABARDINE PARIS. — E não esqueça que pode encontrar um bom e utilíssimo presente para oferecer nesta quadra festiva, entre o variado sortido em luvas, camisas, «cache-cols», gravatas, peúgas, lenços, colarinhos de goma, abotoaduras, etc., à venda na conhecida GRAVATARIA PARIS, na Rua do Ouro, 172, em Lisboa.

ESTA fotografia é de um bonito azulejo decorativo, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

NO PAPEL DE CARTA que se utiliza na correspondência, pode-se avaliar muitas vezes o bom gôsto e a distinção de quem escreve. Para não perder tempo a escolher aquêle de que deve servir-se, aqui aconselhamos a preferir o das marcas NAU, NACIONAL e ERNANI, qualquer dêles de óptima qualidade e excelente apresentação. São marcas registadas de MÉCO, LDA., L. Rafael Bordalo Pinheiro, 20 a 25, em Lisboa e R. das Flores, 14-1.º, no Pôrto.

ENTRE as casas que em Lisboa têm à venda a melhor e maior variedade de produtos de beleza, destaca-se a PERFUMARIA DA MODA, na Rua do Carmo, 5 e 7. Confirmam o que dizemos as numerosas senhoras de bom gôsto que preferem fazer ali as suas compras dos PRODUTOS HARLÉSS, de que aquela perfumaria é depositária. HARLÉSS — são perfumarias de grande classe e, por isso, se explica a enorme procura que têm.

CLUBE UM FÓSFORO ECONÓMICO PARA USO CASEIRO

O Grémio dos Fósforos, Rossio, 74, 1.º - D.º dá um cinzeiro em troca de 500 etiquetas Clube ou oferece um cinzeiro com uma caixa de fósforos Clube contra entrega de 7$50

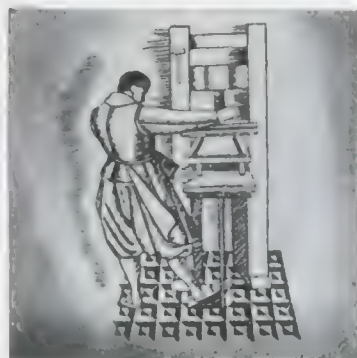
Vinho do PORTO

Aqui se aconselha...

OUVIR perfeitamente ao teatro, na igreja, nas conferências ou em qualquer ocasião é o que permite a todos os surdos o novo aparelho americano de audição TELEX com amplificação ELETRÓNICA. Agente exclusivo para Portugal e Espanha A. MENDES OSÓRIO, técnico em Prótese Auditiva, Av. Almirante Reis, 229, 4.º, esq., Lisboa.

HELVETIA — VELOX — GRETA, são os nomes de três marcas de lâminas suíças para barbear. A magnífica qualidade do aço empregado no seu fabrico dá bastante duração a estas lâminas. Vendem-se de diferentes modelos para os diversos tipos de máquinas. Pedidos a Azevedo & Pessi, Lda., Rua Nova do Almada, 46, Lisboa, Telef. P. A. B. X. 2 9879.

MAIS LUZ E MENOR CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve, sem dúvida, ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

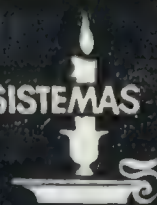
A excelência dos trabalhos gráficos depende sobretudo de: Estilo e estado do material tipográfico; Qualidade e apropriação de papéis; Conhecimento profundo e prático dos serviços de composição e impressão; gôsto e criteriosa conjugação dos vários elementos utilizados pela oficina nos trabalhos que executa. De tudo isto dispõe a OFICINA GRÁFICA, LIMITADA, R. Oliveira, ao Carmo, 8 — Telef. 22 886 — Lisboa.

que leia, veja e compre

QUINTÃO, não é só a casa especialisada em tapetes das melhores marcas nacionais, como são os de BEIRIZ e de ARRAIOLOS. Também ali encontramos MÓVEIS DE ARTE, lindas peças em COBRE para decoração de interiores e as características MANTAS ALENTEJANAS que têm feito um verdadeiro sucesso. QUINTÃO, 32, Rua Ivens.

RADIO - GRAMOFONE com receptor super-heterodino para ondas curtas e médias. Alto-falante de alta fidelidade. Contrôle automático de volume de som. Contrôle progressivo de tonalidade. Quadrante de visibilidade perfeita. Reprodução automática de 8 discos grandes e pequenos. Dispositivo para repetição de qualquer e paragem e corte automático da corrente no final do último. EST. VALENTIM DE CARVALHO, Rua Nova do Almada, 97.

É sempre preocupação a escôlha de um brinde valioso que se deseja oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247, em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

SE vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.

A LAMPADA ELECTRICA VEIO SUBSTITUIR VELHOS SISTEMAS

TUNGSRAM

A LAMPADA QUE SUBSTITUI E NÃO PODE SER SUBSTITUIDA

PROJECTORES · SOM · ECRANS · OBJECTIVAS
EQUIPAMENTO PARA ESTUDIOS · LABORATORIO
GB-KALEE
OS MAIORES FABRICANTES E DISTRIBUIDORES
DE EQUIPAMENTO E ACESSÓRIOS PARA CINEMA
NO IMPÉRIO BRITÂNICO

O homem salamandra

Nada de maior gravidade pode ocorrer numa exploração de petróleo do que o incêndio.

É então que se emprega o mais espectaculoso processo de combater o fogo, que consiste em apagá-lo por meio de um potente sôpro provocado pela explosão de uma bomba de nitroglicerina.

Entra em acção o homem-salamandra, habituado a resistir às mais elevadas temperaturas, o qual, vestido de amianto, se aproxima do poço incendiado e arremessa a bomba.

Trata-se de uma operação delicada e perigosa como tantas e tantas outras de que consta o trabalho do homem para arrancar à terra os seus tesouros e que, no caso dos petróleos brutos, tratados por mão de obra de eleição, se transformam nos famosos óleos Gargoyle Mobiloil.

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

MC 1985

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 45, 1.º - TEL. 2 8311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

NUMERO 30 ★ ANO de 1946 ★ VOLUME 5.º

CAPA DE JORGE MATOS CHAVES — DESENHOS DE: NOGUEIRA DA SILVA, OFÉLIA MARQUES, BERNARDO MARQUES E CARLOS RIBEIRO — FOTOGRAFIAS DE: FRANCISCO DE SÁ NOGUEIRA, HORACIO NOVAES, DR. MARIO CHICÓ, MARIO NOVAES E TOMAS DE MELLO (TOM).

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 60$00 — Estrangeiro: 85$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua Gonçalves Dias, 62, Rio de Janeiro

Capa e fotolitografias: Litografia de Portugal e Fotogravura Nacional, Lda. — Gravuras: Bertrand, Irmãos, Lda., e Fotogravura Nacional, Lda. — Composição e impressão: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade

PREÇO: 10$00

IMAGENS QUE PASSAIS PELA RETINA...

Por FERNÃO DE LISBOA

*Os portugueses descobriram o Mundo, mas desconhecem a terra onde nasceram ... – **Será** ainda válida esta frase, com que a prodigiosa intuição de Montesquieu definiu, há mais de meio século, um aspecto dominante da nossa psicologia?*

Comecemos por dizer que sim, que é válida. O português continua a desconhecer a terra onde nasceu. E não poderemos ir mais longe? Será injusto afirmar que é mais profundo, hoje, esse desconhecimento? Na realidade, viaja-se hoje mais em Portugal; mas viaja-se pior. As facilidades, a rapidez, o conforto dos modernos meios de transporte fabricam a ilusão da viagem, mas tiram-lhe a autenticidade, ou melhor: despejam-lhe o conteúdo.

Depressa não se vê – olha-se. Depressa não há tempo nem ânimo para apreender mais do que os traços genéricos (que são, por via de regra, os menos significativos), os con-

tornos, a vaga superfície das paisagens e das coisas. Ver, é diferente. Camilo Pessanha, que foi grande poeta no tempo em que ainda se viajava devagar, começou um soneto com esta belíssima quadra:

> «Imagens que passais pela retina
> Dos meus olhos: por que não vos fixais?
> Que passais como a água cristalina
> Por uma fonte, para nunca mais!»

São poéticas, sempre, as mais perfeitas sínteses. Este lamento lírico do autor da «Clepsidra» encerra o mais fundo e mais amplo conceito de viagem: *— precisamente o gosto de ver e fixar para sempre as imagens que se nos deparam, longe dos sítios que habitamos. Ora, este gosto não pode ser proporcionado a quem atravessa ou ladeia as paisagens e as coisas a «oitenta à hora», de automóvel ou de combóio, para não falarmos nos meteóricos aviões, que não atravessam nem ladeiam coisa nenhuma, isto é: mais do que o ar em que se apoiam.*

Nos últimos decénios do século passado havia, em Portugal, poucos viajantes. Mas eram viajantes sedentos de ver, de descobrir e de admirar aspectos paisagísticos novos, tipos humanos diferentes, obras artísticas ignoradas, costumes e usos distintos dos que preenchem monòtonamente nas cidades o âmbito da vida cotidiana. Homens inteiros como eram, amavam na conta certa, sem fechar os olhos às mais duras e feias realidades, a terra que lhes foi berço. O estrangeiro era o estrangeiro, e nós éramos nós. Então — diziam — vamos lá ver como somos! ...

Diligências, trens, cavalos e burros, tudo lhes servia e servia bem. Calcorreavam léguas, por estradas e atalhos tortuosos e poeirentos, mas nem por isso, quando regressavam, sentiam essa triste necessidade fisiológica (tão da nossa americanizada época!) de repousar os pés calçados em cima dos móveis das salas.

Ramalho Ortigão foi, como se sabe, um desses viajantes infatigáveis. De tudo quanto viu e como soube ver, os seus livros o dizem, numa linguagem sempre saborosa, por vezes num estilo modelar.

Ainda não havia turismo *no seu tempo, mas* vilegiatura, *que os velhos e bons dicionários definem deste modo: Temporada que as pessoas da cidade passam no campo ou nas praias, ou em digressão de recreio, na estação calmosa. O próprio Ramalho usou, talvez em primeira mão, o verbo* vilegiaturar. *Assim escreveu, nas «Últimas Farpas»: — « ... não teria ido vilegiaturar no campo ...»*

O turismo *surgiu e principiou a desenvolver-se depois, entre as primeiras locomotivas aperfeiçoadas e os primeiros automóveis rudimentares. E por que não havemos de chamar-lhe uma degenerescência? Sim, é uma degenerescência. As imagens passam pela retina do turista e não se fixam. O turista, por definição, é o viajante que olha e não vê. Tudo, para ele, se desenrola com excessiva pressa e se apresenta demasiado fácil, demasiado acessível. Os veículos voam, o tempo voa, e voam também a paciência,*

a curiosidade, a arte de saber esperar e o gosto do imprevisto – que são, afinal, os ingredientes do verdadeiro espírito de aventura e a única fonte gostosa de sabedoria e de prazer.

Ora, quem não sabe ver, não sabe contar. Já alguém ouviu um turista descrever, com um mínimo de objectividade, interesse, calor e graça, uma peripécia de viagem, um trecho paisagístico, uma cena de costumes, um espectáculo, o interior de um edifício? Não acreditamos.

No entanto, ainda tivemos bons viajantes nos primeiros vinte anos do nosso século, já depois de atingidos pela psicose da pressa os conceitos de viagem e de vilegiatura: — Teixeira-Gomes, António Arroio, Raul Brandão, Raul Proença e alguns outros, que não desdenharam sujeitar o estilo literário à extrema objectividade dos descritivos de monumentos e paisagens.

Os dois primeiros volumes do «Guia de Portugal», dirigidos e organizados pelo último dos mencionados escritores, foram produto desse recrudescimento do gosto de conhecer integralmente, nas suas múltiplas formas e nos seus mais característicos traços, a terra onde nascemos, a nossa própria fisionomia.

A elaboração do terceiro tomo dessa obra (que bem merece a classificação de monumental *e deveria ser oficialmente adoptada para «prémio escolar»), provocando o agrupamento de novos e excelentes colaboradores sob a orientação de Sant'Ana Dionísio, veio demonstrar que não foi improfícuo o desinteressado exemplo desses autênticos pioneiros e que nunca são vãs as inteligentes tentativas que se façam para contrariar o significado da célebre frase de Montesquieu.*

DESENHOS DE BERNARDO MARQUES

DEFESA DA PAISAGEM RURAL

HÁ cinquenta anos para cá, a aldeia portuguesa vem perdendo, a pouco e pouco, a sua fisionomia característica, sob o ponto de vista arquitectónico.

O homem traz dentro de si próprio o profundo desejo de construir, de afirmar, através das gerações, em signos visíveis e perduráveis, a graça e a força do seu espírito criador.

A nossa aldeia possui, doutras épocas, aqui e além, alguns exemplares arquitectónicos curiosos e dignos de nota e apreço, até na sua modéstia.

FOTOS DE TOM

Porque não continuarmos essa tradição arquitectónica, essa lição de bom gosto que os antigos nos legaram?

O instinto do povo português é dos mais apurados e sensíveis às manifestações da arte e da beleza, de que são exemplos típicos as nossas artes menores decorativas — desde a indumentária aos bordados e tecidos, desde os móveis à cerâmica. É necessário, pois, enquadrar a casa rural no seu ambiente paisagístico; é necessário defender com inteligência e carinho a nossa paisagem de tudo quanto a possa deformar ou desfear no conjunto do seu colorido e linhas.

Já Ruskin, entre outros, preconizava, no seu tempo, a defesa da paisagem, que a invasão industrial, numa ausência absoluta de gosto, começava a macular com suas pontes e fábricas inestéticas. Este objectivo de tal forma se impõe, que até a Constituição de Weimar consagrou no seu texto o princípio da defesa da paisagem.

*

Quer do ponto de vista social e educativo, pela influência que as formas da arte exercem no povo, quer do ponto de vista turístico, a defesa arquitectónica da aldeia portuguesa — e, com ela, da sua paisagem, cuja riqueza e variedade, no colorido e na perspectiva, os nossos pintores, poetas e escritores têm sabido interpretar magistralmente — merece e deve fazer-se, a todo o momento e custe o que custar!

Ao turismo vertiginoso, que muitos procuram àvidamente, numa

ânsia de queimar distâncias, na filmagem das sensações rápidas, outros preferem a placidez do campo, uma nesga de paisagem, um pedaço de céu e mar, o convívio mais demorado com as coisas simples, que conservem um pouco do seu encanto primitivo, e até com os homens na rusticidade das suas profissões e mesteres.

*

Apesar de entendermos que se impõe um plano racional de valorização da nossa aldeia, desdobrando-se metòdicamente e em todas as ramificações possíveis, limitamo-nos, aqui, a objectivo mais modesto: provocar um natural e necessário movimento de curiosidade no sentido de tornar possível o renascimento arquitectónico rural.

Nos planos social e económico, as Casas do Povo — organismos indispensáveis à justa defesa e equilíbrio dos interesses rurais — podem vir a ser centros de iniciativas com uma alta função educadora, interessando o homem do povo no culto da sua pequena pátria e das tradições locais.

Conceito errado e falso de civilização, eivado do mais puro materialismo, pretendia retalhar a terra numa geometria fria, de uma monotonia desesperante. Mas o espírito só aparentemente se deixa vencer. O homem vinca a sua passagem pela terra, modela-a e aperfeiçoa-a ao sabor da sua actividade espiritual e fabril, criando naturais particularismos e, para além do quotidiano, cerca-se da graça das suas tradições vivas, das simples e belas manifestações da arte.

Comecemos, pois, por defender a arquitectura tradicional das nossas aldeias. O resto virá a seu tempo.

Para esse efeito, e para já, impõe-se orientar e acarinhar, por intermédio dos organismos próprios, a construção da casa rural num sentido de regionalismo inteligente, devendo cada Câmara Municipal, de acordo com as suas possibilidades, estabelecer um ou mais prémios, destinados ao proprietário e ao autor do projecto, arquitecto ou artista decorador de casa rural que durante certo período se construa no aglomerado — com o emprego, claro está, dos materiais da região.

Seria um estímulo, decerto eficiente, e assim abrir-se-ia caminho a uma campanha de bom gosto que evitasse transformar a nossa típica aldeia portuguesa numa horrenda exposição de pequenos monstros arquitectónicos, manchando um canto de pinhal, a curva de um rio, a arriba do mar, a linha do horizonte.

CARLOS LOBO DE OLIVEIRA

A EXPOSIÇÃO DO 5.º CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA GUINÉ

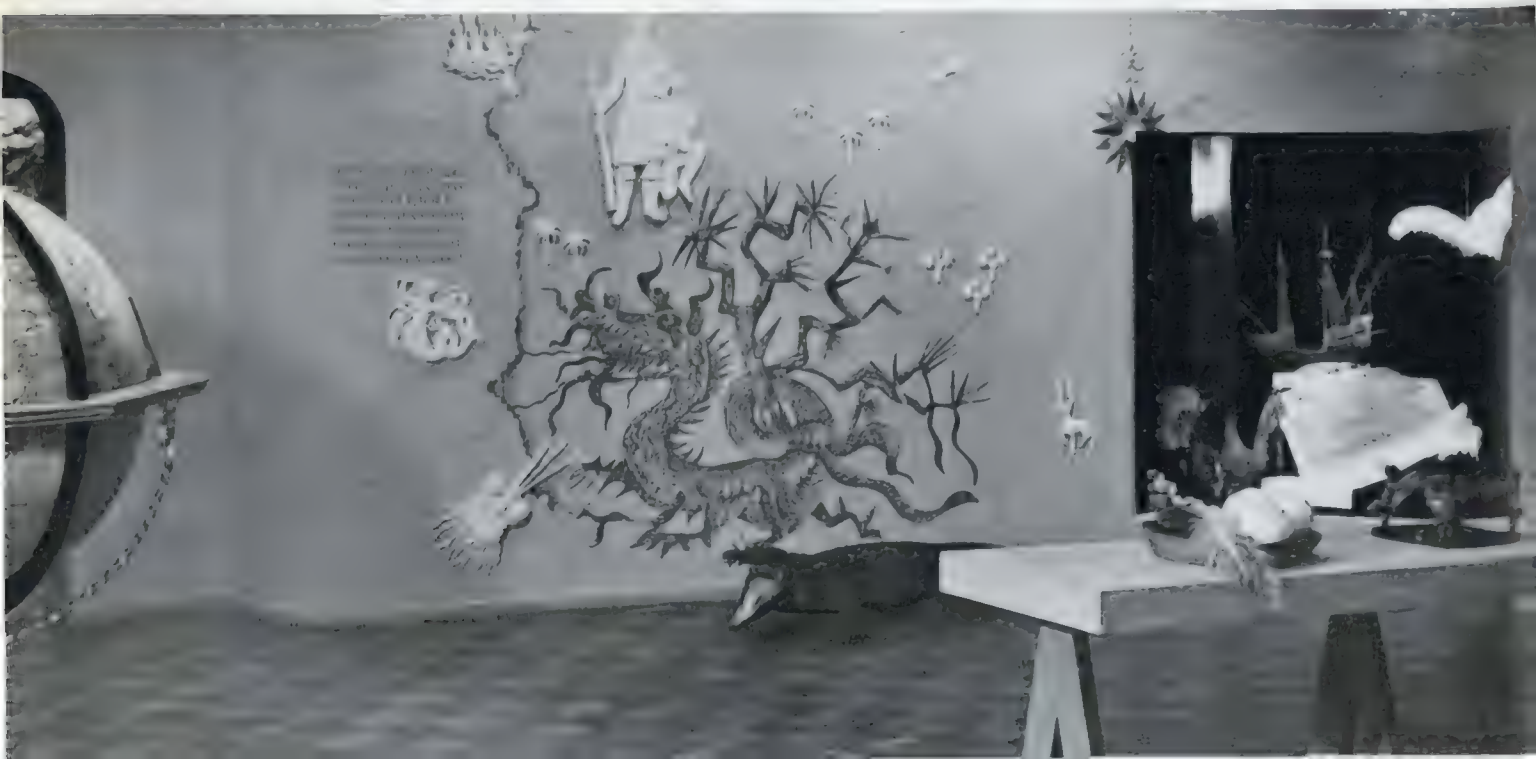
Nos passados meses de Junho e Julho esteve aberta ao público uma grande Exposição Comemorativa do 5.º Centenário do Descobrimento da Guiné. Instalada nas salas do Palácio da Independência — cedidas, para o efeito, pela Mocidade Portuguesa e pela Sociedade Histórica da Independência — a Exposição realizou-se por iniciativa do Ministério das Colónias que à Sociedade de Geografia de Lisboa cometeu o encargo da execução. Coube-me a honra de auxiliar nessa execução os pintores Manuel Lapa e Jorge Matos Chaves (autores do projecto e seus realizadores), delineando e estudando o plano geral que havia de servir de base ao trabalho de expressão plástica. No traçado desse plano e no seu desenvolvimento em imagens houve a preocupação de tornar bem vivos perante o grande público — a quem a Exposição, é claro, principalmente se destinava — não apenas o feito histórico fundamental comemorado, mas, sobretudo, a «epopeia da Guiné portuguesa»: o que nos levou a África, como encontrámos a Guiné, como a conservámos; a preparação, o descobrimento, a colonização,

a ocupação militar, os litígios em que andámos envolvidos, os valores actuais da nossa colónia e as suas magníficas possibilidades.

Pretendeu-se mostrar a sequência lógica em que se enquadra o facto do descobrimento da Guiné, o que se passou antes do desembarque de Nuno Tristão e como foram vividos os quinhentos anos que nos separam desse desembarque — mas procurou-se fugir à fácil tentação de dar um carácter «erudito» à Exposição: na impossibilidade de acumular todas as datas, todos os factos, todos os documentos da história da Guiné, achou-se preferível escolher alguns dos mais significativos para com eles contar ao público uma história fàcilmente apreensível. Entre a ideia de uma exposição friamente documental e a de uma exposição descritiva, correspondendo a uma narração viva — optou-se resolutamente pela segunda.

As salas foram completamente transformadas: revestimentos de contraplacado, de «celotex», de estafe, de tecidos vários, de esteiras, modificaram por completo o movimento das paredes e o pé direito das salas, suprimiram janelas, alteraram toda a configuração interior do edifício. Para completar a ideia que as magníficas fotografias de Horácio Novaes darão aos leitores, bastará, agora, em meia dúzia de linhas, seguir o «roteiro» da Exposição: Depois de uma ante-câmara em que se expunham alguns pitorescos exemplares de arte indígena da Guiné, o visitante encontrava-se na primeira sala, que pretendia responder a estas perguntas: — Porque descobrimos a Guiné? Que motivos nos levaram a contornar a África e como encontrámos, no nosso caminho, esse território? E assim — através de vários painéis e das respectivas legendas — se punham em evidência os imperativos espirituais dos descobrimentos, os imperativos geográficos e os económicos, recordando-se também como foi realizada a preparação efectiva das viagens empreendidas: as informações recolhidas, o estudo da arte de navegar. Quatro grandes figuras de príncipes portugueses erguiam-se nesta sala, a dominar uma reprodução das figuras de mareantes pintados por Nuno Gonçalves: D. João I e o Infante — que iniciaram a empresa dos descobrimentos; D. Afonso V — em cujo reinado se descobre a Guiné; D. João II — o primeiro Rei português a usar o título de Senhor da Guiné.

Na sala seguinte evocava-se a época heróica do descobrimento e da fixação no território: as viagens realizadas

Na sala do Descobrimento: os primeiros exploradores do território

O grande fresco de Manuel Lapa, evocando o descobridor da Guiné

para o conhecimento da costa até ao desembarque de Nuno Tristão e as primeiras notícias que nos chegaram daquelas paragens, a figura do descobridor, o desembarque, o combate e a morte de Nuno Tristão com os seus companheiros, as primeiras explorações nas terras descobertas e a aventura de João Fernandes, o primeiro explorador europeu da África, as feitorias, o comércio, os elementos de fixação — simbolizados no forte de S. Jorge da Mina.

Começava a terceira sala com a evocação dos litígios e das lutas que rodearam o nosso domínio na Guiné durante o período infeliz da monarquia dualista, para lembrar depois (através de mapas, recordações, painéis) a epopeia da ocupação militar no século passado e nos primeiros anos do actual, a sentença do Presidente Grant que nos

confirmou a posse de Bolama e, finalmente, a obra de pacificação empreendida.

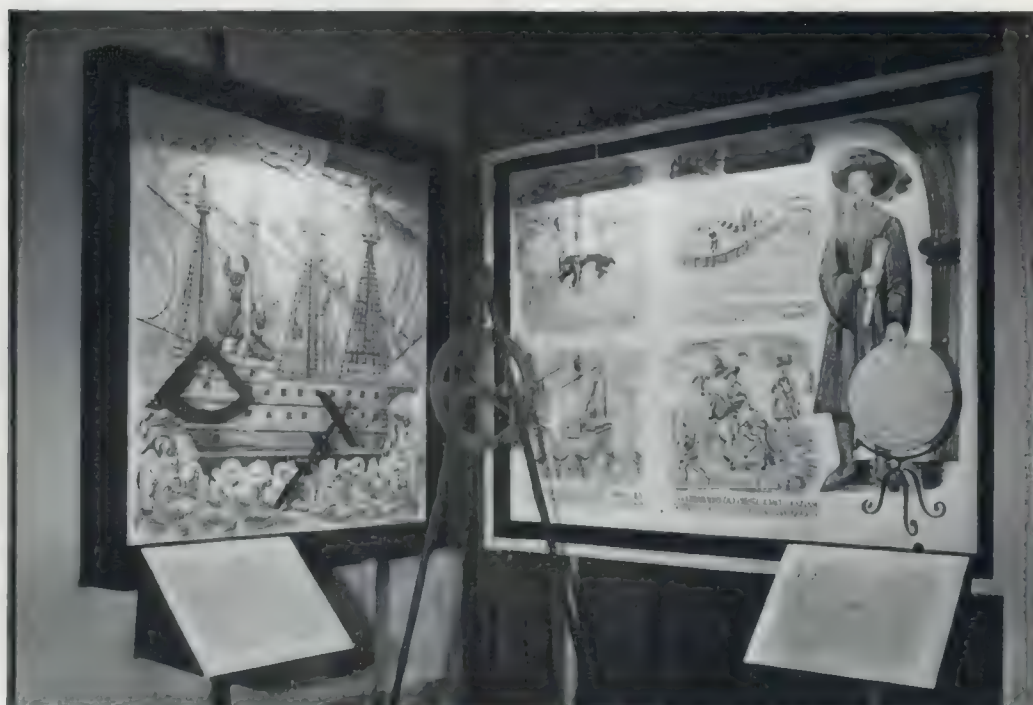
Nas últimas duas salas dava-se uma ideia do que é hoje o território da Guiné, da sua população, da sua fauna e da sua flora, dos seus valores económicos e das suas maravilhosas possibilidades futuras, recordando-se também a actividade missionária. Por meio de pinturas, gráficos, «maquettes», fotografias, ficaram assim documentados os aspectos mais salientes da vida social e económica actual da nossa Guiné.

E podemos terminar com a própria legenda da Exposição: — «Quinhentos anos de mistérios, de aventuras, de lutas. Quinhentos anos de suor e sangue português. Quinhentos anos de sofrimentos e alegrias—ao serviço do Império!»

EDUARDO FREITAS DA COSTA

A «maquette» do Forte de S. Jorge da Mina

A preparação dos Descobrimentos: as informações recolhidas e a arte de navegar.

(Fotos de Horácio Novaes)

PORMENOR DE UMA DAS SALAS DA EXPOSIÇÃO DO 5.º CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA GUINÉ

A CASA DA SUIÇA EM LISBOA

PODEMOS, sem exagêro, considerar notável e a vários títulos, a instalação do Centro Nacional Suíço de Turismo, há meses inaugurado na Avenida da Liberdade numa pequena loja, situada precisamente ao lado do Teatro Avenida. Notável, primeiro, como adaptação e instalação; notável também pela limpidez, calma e bom-gosto de todo o arranjo da Agência, quer na fachada, (grande cartaz da Suíça), quer no seu simpático, cómodo e agradável interior — acentuàdamente europeu — e notável ainda para Lisboa, além de tudo isto, pela circunstância de em tal local ficar existindo, em iniciativa decerto estimulante, uma Agência estrangeira, na nossa principal artéria, todavia até agora bastarda na vida activa e cosmopolita do Chiado e suas imediações. Em breve teremos, como primeiro fruto deste exemplo, instalada no lado oposto (gaveto da Praça da Alegria) a Agência de Turismo

Internacional da Companhia dos «Wagons-Lits» e, no próximo ano, o próprio Estado Português inaugurará no Átrio da Avenida, nas amplas lojas do belo Palácio Foz, uma cuidada, útil e atraente Agência de Turismo Nacional, onde nas suas Salas, além de todas as informações, o público terá também ao seu alcance as publicações e a Exposição permanente das manifestações da nossa Arte Popular.

A representação Suíça de Turismo foi criada — como dissemos no nosso número anterior — pela «Direction le l'Office Central Suisse du Tourisme» de Zurich, que encarregou o Arquitecto Max Kopp do estudo de adaptação e instalação. Este notável Arquitecto Suíço que Lisboa já conhecia como autor da preciosa Exposição Suíça realizada no Instituto Superior Técnico, foi assistido pelo seu ajudante Arquitecto J. Hunziker, sendo a direcção do trabalho de execução em Lisboa confiada oficialmente ao Arquitecto português Jorge Segurado. A construção foi realizada pelo constructor A. Costa Lopes, que levou a cabo com segurança e técnica perfeita todo o trabalho da obra, incluindo a preparação especial para receber toda a parte metálica (alumínio de perfis especiais), de fabricação suíça..

O partido seguido na adaptação do estabelecimento permitiu um aproveitamento económico de estrutura e de espaço, tirando-se até partido de elementos constructivos, para efeito ornamental e de iluminação. Acrescentaremos, para terminar, que além da qualidade requintada de toda a concepção, ainda temos muito gostosamente que assinalar o nome do grande Pintor suíço Carigiet, que pintou um original painel decorativo de apologia quase romântica dos encantos naturais dos belos, saudáveis e majestosos Cantões da Federação Helvética.

(FOTOS DE MARIO NOVAES)

Dois aspectos do interior da Casa da Suiça em Lisboa

NOGUEIRA DA SILVA

NECROLOGIA APÓCRIFA DE UM GRANDE ARTISTA ESQUECIDO

Estamos em 1868, em Lisboa. A época não é das mais propícias ao florescimento das artes, o que ninguém deve estranhar, porquanto impera um gosto acentuàdamente provincial nos costumes, nos trajos, no jornalismo, nos interiores das casas, no teatro, na literatura, em toda a vida citadina. Não interessa averiguar se este gosto é bom ou mau. Os vindouros que se deem, querendo, a esse trabalho crítico, aliás desprovido, quanto a nós, senão de significado, pelo menos de eficácia. O que dá encanto e razão de ser às modas e aos estilos de vida social, é justamente aquilo que melhor distingue as épocas umas das outras: — quase sempre, os traços mais exorbitantes, os pormenores mais caricatos. Quem sabe se no século XX, por exemplo (aí por 1946) as lisboetas elegantes não se atreverão a exibir uma indumentária mais aparentemente ridícula do que esta, em uso nos nossos salões e avenidas?... Todas as épocas têm os seus grotescos, as suas manias, os seus telhados de vidro. E é isso mesmo que lhes confere, meu caro leitor, nitidez, graça, distinção.

Mas iamos dizendo que estamos em 1868

— exactamente no dia 13 de Março. Como densa e escura núvem que de súbito cobrisse uma paisagem primaveril, acaba de espalhar-se pela cidade a notícia da morte de Nogueira da Silva. O leitor não ignora, decerto, de quem se trata, nem quanto o país fica devendo ao fino espírito, ao poderoso talento e à infatigável capacidade de trabalho do malogrado artista que esse nome usou: — nem mais nem menos do que centenas de admiráveis desenhos e gravuras em madeira. Sim, muitas centenas! Paisagens, retratos, composições livres, ilustrações, caricaturas, cópias rigorosas (e quantas de inestimável valor documental!) de monumentos arquitectónicos, de esculturas, de peças de ourivesaria, de tábuas e azulejos dispersos pelo país — tudo atraía e impressionava a sensibilidade plástica de Nogueira da Silva, e era por ele interpretado ou transposto para o papel e a madeira com

Almada vista de Lisboa. — Desenho de Nogueira da Silva

uma destreza inexcedível e uma graça inimitável. Merecia a pena que alguém, algum dia, preenchesse os lazeres de umas férias com o benemérito labor de contar e classificar esses trabalhos, insertos na *Revista popular*, no *Jornal para rir*, nas *Celebridades contemporâneas* e, principalmente, nos numerosos volumes do *Archivo pittoresco*. Claro está que nem todos os desenhos e gravuras do ilustrador das *Obras completas de Nicolau Tolentino* têm o mesmo interesse, a mesma altura. Deve mesmo dizer-se, por respeito à verdade e à sua memória, que as produções de Nogueira da Silva são de irregularíssima qualidade. Nem todos os géneros se quadravam à sua vocação e ao seu temperamento. Na interpretação da figura, por exemplo (e particularmente no retrato) foi, por vezes, deplorável. No entanto, não era por gosto de contrariar-se nem por doentia atracção abísmica que o artista insistia nesse cultivo; — era, sem nenhuma dúvida, por mera necessidade, por obrigação profissional.

Aqui temos um traço bem distinto da personalidade de Nogueira da Silva: num país em que são raros os artistas profissionais, e sobretudo na sua época, ele nada tinha de amador. Quem sabe, mesmo, se não terá sido o primeiro desenhista português verdadeiramente profissional — menos livre

Tipos ribatejanos

Uma família da província

do que nenhum outro de satisfazer os imperativos do seu temperamento, mais vítima da fatalidade de ser «pau para toda a obra»?
Mas estamos (é bom não esquecer) em 1868... Nogueira da Silva nasceu, nesta mesma cidade, em 26 de Setembro de 1830. Se a sua infância e adolescência foram difíceis, ásperas, dolorosas, não foram menos os escassos vinte anos da sua carreira artística. A infelicidade obstinou-se em perseguir e ensombrar a sua estrela, que tinha brilho bastante para resplandecer no pardo firmamento da arte nacional. Quase não houve revez que não o afligisse, injustiça que não o ofendesse, miséria que não o ameaçasse.
Desde a incompreensão paterna à quase cegueira, desde a fome ao vexame de ser acusado de curandeiro, Nogueira da Silva conheceu e suportou, com um estoicismo exemplar, as maiores adversidades — inclusivè a de ter prestado as melhores provas num concurso para a regência da cadeira de Desenho da Escola Politécnica, e ficar aguardando em vão (por razões que nunca se chegaram a apurar) a decisão do juri...
A arte venceu, mais uma vez, mas também mais uma vez saíu mal-ferida da batalha. As mutilações que sofreu esta forte e singular personalidade, são bem notórias e confrangedoras. No entanto, cabe ao laborioso artista o mérito de ter reformado e desenvolvido, entre nós, a gravura em madeira, até então só apreciàvelmente cultivada por Manuel Maria Bordalo Pinheiro e José Maria Batista Coelho.

Operárias de Lisboa *Artista de capote*

Lisboetas no requinte da moda

Quinta das Aguias na Junqueira. — Desenho de Nogueira da Silva, no «Archivo pittoresco»

A primeira escola de gravadores, em que todos o reconheciam como mestre, foi o *Archivo pittoresco,* lançado pela firma editora «Castro Irmão & Comp.ª», em 1858. É aí, repetimos, que se encontra o maior número de trabalhos de Nogueira da Silva, atestando, além da espantosa multiplicidade do seus recursos técnicos, a penetrante acuidade do seu espírito de observação e o afinado gosto do seu humorismo — virtudes às quais não foi estranha a influência dos mais famosos desenhadores e gravadores franceses contemporâneos, sobretudo de Gavarni.
Como ilustrador, julgamos possível e justo que algum cronista do próximo século (aí por volta do ano de 1942...) afirme que o volume das *Obras completas de Nicolau Tolentino* é «uma das raras edições portuguesas do século XIX que, não sendo classificável como *livro de arte* — por excesso de tiragem e modéstia de materiais — é, todavia, um espécime perfeito de livro ilustrado. Pois onde se vê, como nele, uma harmonia tão grande entre o espírito do autor e do ilustrador da sua obra?»
E esse tal cronista do futuro poderá, sem receio de desmentido, mas ressalvando a ironia da pergunta final, concluir deste modo: — «Nogueira da Silva não ilustrou mais nenhum livro. Sete anos depois, morreu. Faz de conta que tivemos dezenas de Nogueiras da Silva. Vale lá a pena recordar o seu nome?»

Paisagem de Montalegre e pormenor de um «Enigma». — Desenhos de Nogueira da Silva, publicados no «Archivo pittoresco»

Como caricaturista, Francisco Augusto (iamo-nos esquecendo de dizer que eram estes os seus prenomes) foi dos mais engraçados que desde sempre se contam na história da arte nacional. O *D. Quichote do século* XIX e muitas das caricaturas que publicou — acompanhadas de biografias, crónicas e legendas humorísticas da sua autoria — nas *Celebridades contemporâneas,* no *Jornal para rir,* no *Archivo pittoresco* e noutros periódicos da época, deram brado e fizeram escola. A ironia do seu traço, apontada aos ridículos da baixa burguesia, aos narizes-de-cera, às vaidades balofas, era por vezes contundente, mas nunca grosseiramente ofensiva. É que o seu humor provinha menos de ressentimentos, do que de uma visão mais evoluída, mais urbana dos homens e das coisas. Nogueira da Silva foi um artista da cidade. Por isso lhe repugnava, mais do que tudo, o «arrivismo», o recem-chegadismo provinciano. E afinal, feitas bem as contas, talvez tenha sido essa pecha da vida portuguesa — tão evidentemente acentuada no seu tempo — a causa fundamental das suas vicissitudes.

(Conforme com o original).

CARLOS QUEIROZ

Anunciação. — Admirável peça escultórica do Séc. XIV exposta no Museu de Evora.

MUSEU REGIONAL DE ÉVORA

por J. NUNES RIBEIRO

Prisões de Arte – é a feliz expressão com que um escritor francês designa os museus que repelem os visitantes, em vez de os atrair. Os edifícios em que esses museus foram instalados podem ter valor arquitectónico apreciável; as obras que constituem o recheio das salas podem ser valiosas e belas: tudo pode estar em boa ordem, criteriosamente arrumado e catalogado. No entanto, existe qualquer coisa – que é sempre muita coisa – a provocar em quem lá entra um crescente desejo de sair. de se libertar de um peso que não sabe ao certo de onde vem, mas que lhe acorda uma súbita e incómoda nostalgia da rua. do ar livre.

A sensação de mal-estar impera, domina tudo. como se fosse um gás intoxicante que as paredes, os móveis e os próprios objectos expelissem. As obras de Arte assemelham-se. nesse ambiente de clausura, a pessoas que não sabem receber, que não aprenderam as mais elementares regras de

etiqueta, mas se obstinam em dar recepções. Daí aquela esperança que Jean Cocteau dizia que quase sempre, em determinada altura, assalta o visitante dos museus: a de ver surgir a cara risonha de um amigo por detrás de um quadro ou de uma estátua.
Tudo isto, como é natural, deu muito que pensar a quem, através das sucessivas gerações, ia tendo a seu cargo a arquitectura, o arranjo, a conservação e a direcção desses organismos. Impunha-se averiguar por que isto acontecia, e descobrir a maneira de evitar que, no futuro, o fenómeno se repetisse.
Outro não é o papel que veio a caber à Museografia – palavra suficientemente explícita para que necessite de definição. Complexa actividade científica ao serviço de todas as artes, a Museografia não cessa de progredir. Há sempre quem descubra, a seu tempo, um elemento novo, que força à revisão dos problemas postos e à pesquisa de melhores soluções.
Se o edifício é antigo e precisa de ser remodelado para a instalação das colecções, este problema impõe, como é intuitivo, uma ordem de ideias e um plano de trabalhos totalmente diversos dos que são exigidos ao arquitecto e ao director do organismo quando se trate de uma nova edificação. Há que subordinar, em qualquer dos casos, a obra arquitectónica à natureza do museu, à variedade e quantidade das peças que hão-de

Um aspecto da magnífica e interessante Galeria de Escultura Romana.

Cópia renascentista de uma bela cabeça romana.

preenchê-lo, e a um sem-número de pormenores que seria fastidioso sugerir – entre os quais não é de menor importância a aplicação dos materiais, cada vez mais variados e dependentes de um critério racional de selecção.

Aspecto da sala principal de Arquitectura e Escultura do Séc. XVI, com o cenotáfio do Bispo D. Afonso de Portugal.

Depois, há que atender, nos interiores, às proporções, aos ângulos de perspectiva, aos sistemas de arejamento, conservação, aquecimento, iluminação, arranjo decorativo das salas e arrumação dos móveis e objectos — sempre diversos para cada caso, porque cada caso é, sempre, especial. Henri Verne, director dos Museus Nacionais da França, num elucidativo artigo consagrado à arquitectura dos museus (in «Muséographie», N.º 6, Junho de 1938), diz que a apresentação dos interiores evoluiu num ritmo semelhante ao do estilo arquitectural, fazendo o seguinte resumo histórico dessa evolução: — «Começa-se por dispor os quadros a monte, até ao limite da visibilidade; depois, procura-se dar um sentido a este amontoado de riquezas e, como o culto da história domina o século XIX, fica-se escravo da atmosfera da época, da reconstituição. Bode, director dos Museus de Berlim, lança a fórmula do *museu misto*, no qual se misturam móveis, quadros e esculturas de uma mesma época. Atinge-se, então, o exagero de «fazer»

Nicolau Chanterene : — Túmulo de D. Álvaro da Costa (1535)

salas em estilo egipcio, gótico ou renascentista, afim de as harmonizar com os estilos das peças que as recheiam. Chega o século XX, com a sua objectividade e a sua secura, vendo-se triunfar, inversamente, o arranjo neutro, despido, nu, quase reduzido, friamente, à função de ficheiro. Estas variações não são apenas o reflexo das do gosto; ligam-se a causas mais gerais e mais

Dois Bispos. Séc. XVI. (Escola portuguesa). — Capa do Arcebispo D. João Coutinho. Séc. XVII.

profundas. Nos começos do século XIX, fiel à sua origem de tesouro ou de gabinete de amador, o museu limita-se a um papel de *conservação*. À medida que o mundo moderno se vai abrindo a concepções sociais mais prementes, o museu toma consciência do seu papel de *educação*: esclarece, classifica, procura a ambiência, aspira a atrair; e, quando a tendência educativa se democratiza, o museu tende para a *vulgarização;* elimina as peças só destinadas a especialistas, sacrifica de boa vontade a beleza ou o encanto à evidência pedagógica, acrescenta às obras o comentário explicativo».

Mas há, como em todas as concepções de índole evolutiva, um justo equilíbrio a descobrir – e é para ele

«Nascimento da Virgem.» (Escola de Bruges). Painel do famoso Retábulo da Vida da Virgem.

A. de Vris (1631). Escola Holandesa: Retrato de personagem desconhecido. (Fotos de Mário Novaes).

que, desde há quinze ou vinte anos, caminha a Museografia. Por isso Henri Verne declara, no final do seu estudo, que «as melhores soluções serão as mais elásticas, as mais complexas, isto é: aquelas que saibam arranjar nos lugares certos algumas reconstituições evocadoras; satisfazer ao mesmo tempo – em salas principais de obras-primas – a curiosidade elementar do profano e a aspiração à qualidade do homem de gosto; e seguir discretamente, sem intervenções espalhafatosas, a indicação do gosto de cada época, de cada escola, não temendo ornamentações mais ricas e mais

ANUNCIAÇÃO — Painel de Azulejos do Século XVI

(Museu Regional de Évora)

Alabastros ingleses e franceses dos séculos XV e XVI. — Ralo de um confissionário, em latão.

tradicionais para os quadros antigos, por exemplo, e cingindo-se a uma simplicidade desnudada e a francas claridades para as obras modernas».

* * *

O Museu Regional de Évora encontra-se instalado no antigo palácio arquiepiscopal da cidade. O edifício, sòlidamente construído e arquitectònicamente bem proporcionado, não ofende, graças à sobriedade das suas fachadas, a majestosa dignidade e a impecável beleza da Sé, que lhe fica próxima.

As salas de Pintura Portuguesa e Pintura Estrangeira do Séc. XVII. (Fotos de Mário Novaes).

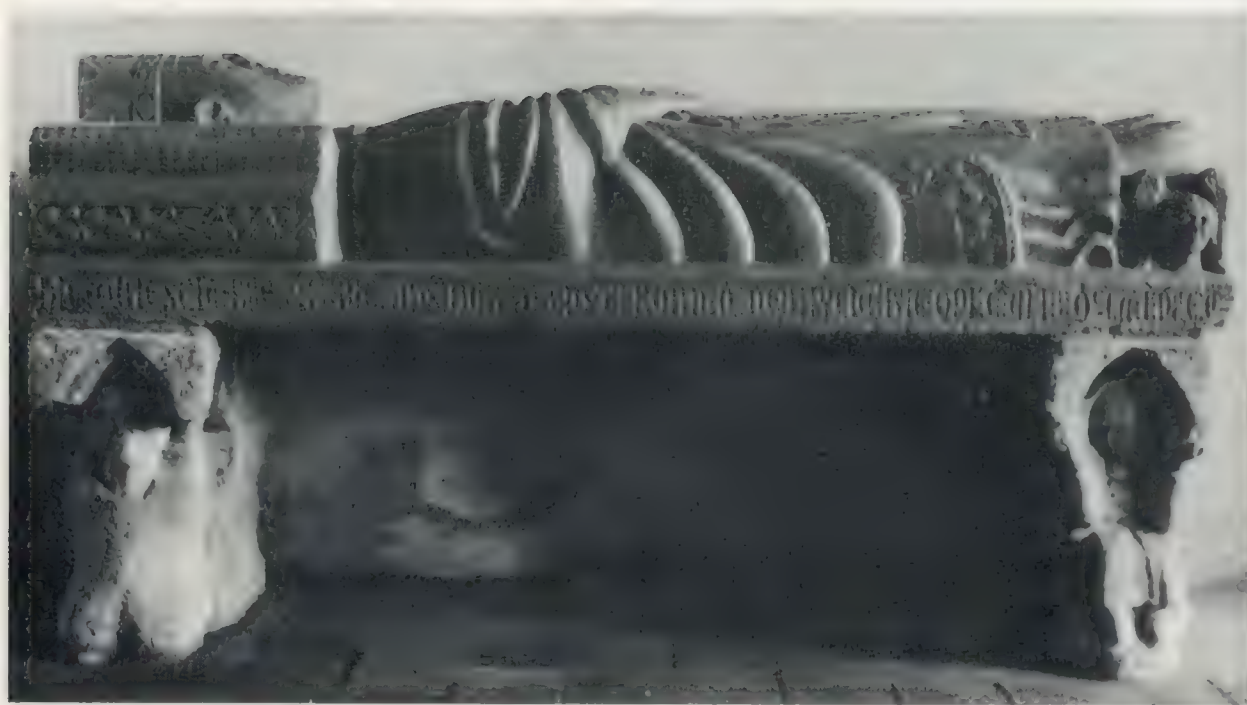
Grande parte do seu valiosíssimo recheio é procedente do antigo Museu Arqueológico, anexo da Biblioteca. Deve-se ao antiquário André de Resende – que começou por reunir, no quintal da sua casa, inscrições e peças escul-

Hendrick Avercamp: «Paisagem na neve.» Escola Holandesa do Séc. XVII. — Museu Regional de Evora. (Foto de Mário Novaes).

tóricas romanas, árabes, hebraicas e portuguesas – o impulso inicial para essa preciosa colecção que outros generosos amadores de antiguidades foram sucessivamente enriquecendo. António Francisco Barata, no prefácio do primeiro e único catálogo do museu (publicado em 1903) conta que as numerosas peças coleccionadas estiveram primeiramente expostas na Biblioteca, depois dentro do templo romano, chamado de Diana, e, por fim, nos baixos do palácio de D. Manuel, no jardim da cidade, pertença da Câmara Municipal de Évora. Em 1923 inaugurou-se, no

Virgem com o Menino. Escultura Francesa. Séc. XVI.
Virgem da Anunciação. Escultura medieval.

Palácio Amaral, o Museu Regional, constituído fundamentalmente por obras de pintura e escultura contemporâneas.
O número de salas foi, depois, ampliado, transferindo-se para ali, em 1930, o recheio do Museu Arqueológico e – entre numerosas outras espécies – o grandioso políptico da Virgem da Glória, uma das mais admiráveis obras pictóricas existentes em museus portugueses. «Para a capela-mor da Sé que antecedeu a actual, traçada pelo alemão

Mestres dos Painéis da Igreja de S. Francisco de Evora: — «O Profeta Daniel Libertando Susana.» Depositado pelo Museu Nacional de Arte Antiga no Museu Regional de Évora. (Foto de Mário Novaes).

Estátua jacente do Bispo D. Durando. Séc. XIII. — Em baixo: Friso escultórico romano.

Ludwig, se encomendou o sumptuoso retábulo, cujas dezanove tábuas, com o grande painel do centro e as predelas, escaparam, por felicidade, ás modificações, aos restauros e aos malefícios dos homens e do tempo. Muito se tem escrito e muito pouco se sabe a respeito da origem desta obra monumental, tão importante entre as da pintura na Flandres». (Dr. João Couto: «A Pintura Flamenga em Évora no século XVI.» Lisboa, 1943). K. Justi considerou o Retábulo da Virgem «a obra mais opulenta produzida em qualquer tempo pela velha escola flamenga», e acerca dela afirmou Raczynski: – «De todos os quadros góticos que tenho visto em Portugal, é este o que acho de maior merecimento».
A esta famosa obra-prima da escola de Bruges (em que é notória, segundo

Pormenor e conjunto da Sala de Mobiliário do Séc. XVIII. (Fotos de Mário Novaes).

os entendidos, a influência de Van der Goes e de Gerard David), foram-se juntando outras, como o extraordinário tríptico quinhentista em esmalte de Limoges, sobre cobre, representando as principais cenas da Paixão; um deslumbrante painel de azulejos, da mesma época («Anunciação»), e peças raras de escultura, ourivesaria e mobiliário, paramentos, etc.

No entanto, o Museu Regional de Évora carecia de importantes obras de remodelação, capazes de valorizarem o seu magnífico e variado recheio. Se graças à excelente situação do edifício e à forte iluminação proporcionada pelas suas amplas janelas, não merecia, talvez, a classificação de «prisão de Arte», o certo é que estava longe de possuir as condições que actualmente se exigem a um museu da sua categoria.

Isto mesmo reconheceram as entidades oficiais que superintendem na conservação do nosso património artístico, nomeando, em 1943, director do Museu de Évora o Dr. Mário Tavares Chicó, historiador de Arte de reconhecida competência e um dos mais probos e brilhantes colaboradores do Dr. João Couto na eficiente acção cultural que o Museu Nacional de Arte Antiga vem, de há anos, desenvolvendo. Esse oportuno reconhecimento dos poderes públicos teve justa concretização no apoio dispensado pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, que investiu o arquitecto Humberto Reis – da Secção de Évora – no encargo de dirigir as obras.

Não foram poucos nem fáceis de solucionar os problemas suscitados pelos trabalhos de remodelação: Primeiro, limpar o edifício das suas mais graves impurezas, restituindo-lhe uma sobriedade arquitectónica que não resultasse pobre nem fria, e delinear as salas, as galerias, os corredores, as janelas, as entradas e saídas de harmonia com o clima e o carácter da região.

(Continúa na pág. I)

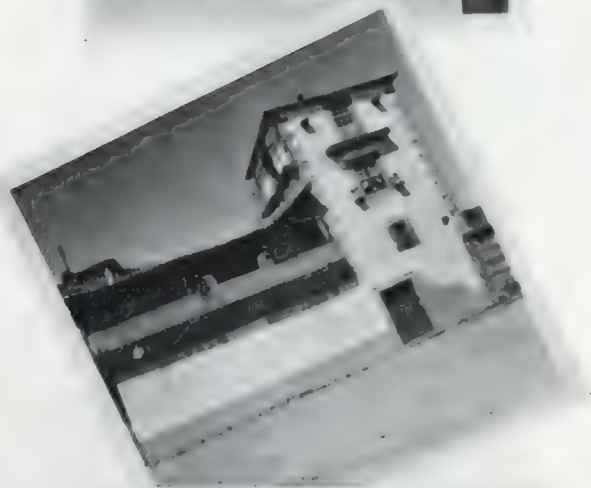
O Palácio Arquiepiscopal — junto da Sé de Evora — onde está instalado o Museu Regional.

PAINEL DA VIRGEM DA GLÓRIA. (Pormenor). — Escola Flamenga. Século XVI

(Museu Regional de Évora)

AGUARELA DO AUTOR

UM VELHO SOLAR EM ERVEDAL DA BEIRA

Deixámos o excelente hotel onde havíamos pernoitado, nas Caldas da Felgueira, e seguimos de automóvel, para o Seixo, no alto da encosta sul do Mondego. Do seu miradouro, a algumas dezenas de metros das últimas casas da povoação, o panorama é surpreendente. Tanto para o lado da Serra da Estrela como para o lado da Serra do Caramulo, toda esta vasta região levemente ondulada, estende-se a nossos pés, como magnífico tapete de tons esverdeados. Tomámos depois, por uma das últimas estradas turísticas que a D. G. E. abriu ao público, e que liga o Seixo ao Ervedal da Beira, onde vai entroncar com a

que vem de Oliveira do Hospital para o Carregal do Sal. Seguindo pelo planalto, limitado pelas ribanceiras do Mondego e do Seia, mantém constantemente sob a nossa vista magníficos horizontes.

O Ervedal está muito bem situado, na falda do monte Tosse, um outeiro duns modestos 360 metros de altitude, do qual se goza um panorama não inferior ao do Seixo. Já foi sede de concelho e, actualmente, faz parte do de Oliveira do Hospital.

Para atestar a antiguidade da sua fundação bastam as sepulturas cavadas nas lages de granito que servem, em parte, de alicerces à actual igreja paroquial da invocação de Santo André e a ponte construída pelos romanos, que atravessa o rio de Seia.

A Rainha D. Dulce, mulher de D. Sancho I, fez doação desta povoação aos frades crúzios em 1193 e, mais tarde, foi comenda da ordem de Cristo.

Possui o Ervedal, a par de algumas casas tìpicamente beiroas, outras, construídas modernamente, do pior gosto, que o desfeiam, como acontece com a maior parte das nossas vilas e aldeias.

Encontra-se porém, aqui, um conjunto muito original e genuìnamente português de velhas casas nobres, construídas em várias épocas, que fazem parte do solar dos Viscondes do Ervedal da Beira.

Na parte sul fica a casa típica, do fidalgo lavrador do século XVI. *— No exterior, patamar de entrada, construído em fortes pedras de granito talhado; portas e janelas chanfradas. — Dentro, ampla sala central ladrilhada, com grande chaminé e belo tecto apainelado (infelizmente muito arruinado) para a qual abrem as portas, com umbreiras de granito trabalhado em estilo gótico, das outras divisões.*

Na parte norte, a capela do século XVII *com uma linda varanda, da qual se goza o panorama sobre a*

serra, e que liga ao resto da casa pelo coro. Por cima do pórtico estão as armas dos fundadores e, no lajedo interior, a sua sepultura.

O altar de talha policromada e as imagens, são exemplos da rudeza e ingenuidade dos nossos artífices rurais.

Ambas as partes estão unidas por um corpo central, que data do século XVIII, *e que possui belas salas.*

Este solar tem realmente um cunho regional muito característico que merece bem ser apreciado.

Finda a visita, antes de deixarmos o Ervedal, sentemo-nos um instante no muro do adro da igreja, e, virados para o nascente, desfrutemos a bela paisagem que se nos oferece. As nossas retinas enchem-se de suave melancolia e os nossos nervos descansam satisfeitos. Perto: terras de semeadura, olivais e vinhedos; depois, as vastas manchas dos pinhais e, ao longe, a imponente serra, de tons malva, cambiantes, conforme a hora e o estado do céu — tudo é duma serenidade cheia de poesia neste lugar de meditação!

A nossa Beira Alta é realmente uma província privilegiada pelo seu pitoresco, pela suavidade do seu clima, pela variedade das suas culturas e pelos homens notáveis que tem dado à Nação.

Encantam-nos os seus variados aspectos: ora amenos — como nas planuras dos altos — e alegres, com os seus olivais e pomares; ora agrestes — junto aos alcantilados dos rios — e tristonhos, na monotonia dos seus pinhais bravos; imponentes e patrícios — com as suas matas de velhos carvalhos e majestosos pinheiros mansos — que, em alguns pontos, fazem lembrar a Campina Romana.

FRANCISCO DE SÁ NOGUEIRA

A primeira exposição individual de Pedro Leitão, efectuada, há meses, no Estúdio do S. N. I., revelou-nos o aparecimento de um artista de genuína vocação, dotado de uma sensibilidade visual multifacetada e já servida por invulgares recursos pictóricos.

Os seus óleos deixavam fàcilmente reconhecer um firme e elegante sentido de equilíbrio, tanto na eleição dos temas plásticos, como na composição e no colorido. Valorizando esta qualidade, (positiva e amável, decerto, mas perigosa para um pintor que não aspira à estricta fabricação do «bonito») eram também salientes, em diversos trabalhos de Pedro Leitão, as inquietas incertezas de um espírito juvenil, na fase heróica das descobertas, da luta com os mistérios da Arte, numa palavra: da busca anciosa da personalidade e dos meios próprios de exprimi-la.

F. DE L.

O PINTOR PEDRO LEITÃO

RETRATO
NATUREZA MORTA
(ÓLEOS).

PEDRO LEITÃO — Retrato a óleo de Maria Tereza Alves Diniz e sua Filha

PANORAMA — Número 30 — Ano de 1946

TURISMO

BOLETIM BIMENSAL

EDITADO PELO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

A bibliografia da História da Arte em Portugal acaba de ser enriquecida com o aparecimento de um trabalho que transcende, sob vários aspectos, os moldes habituais das publicações congéneres, impondo-nos, por isso, o dever de consagrar-lhe uma atenção especial: Trata-se do estudo sobre «VASCO FERNANDES E OS PINTORES DE VISEU DO SÉCULO XVI», da autoria do historiador e crítico de Arte SR. LUIZ REIS SANTOS, conservador-adjunto dos nossos Museus e colaborador assíduo desta revista desde o seu primeiro número.

De há muito que as poderosas qualidades de inteligência e de trabalho de REIS SANTOS, exercidas nos domínios da investigação histórica e da análise interpretativa dos grandes problemas respeitantes à pintura dos chamados «primitivos» portugueses, se tinham revelado, em dezenas de monografias, conferências e artigos que representam, pelo volume, a importância das matérias versadas, a probidade e o método dos estudos preparatórios, a vivacidade e o brilho da exposição, uma obra de alta cultura indubitàvelmente admirável e digna de respeito.

Essas qualidades — tanto mais apreciáveis quanto é certo rarearem no mundo das letras nacionais — não passaram despercebidas aos mais lúcidos espíritos do nosso país e deram ao autor dos «ESTUDOS DE PINTURA ANTIGA» uma justificada notoriedade nos *meios* especialistas do estrangeiro. Não faltou, mesmo, quem reconhecesse em LUIZ REIS SANTOS «o primeiro historiador de Arte que tenta, entre nós, a sistematização, com bases seguras, técnica e espírito científico, aliando entusiasmo à frieza de análise e ao espírito crítico».

Estas dominantes da forte personalidade do escritor estão, por assim dizer, enquadradas num complexo caracterológico de aprumada estrutura, que a divisa «Crer e querer», inscrita na capa do seu último trabalho, justamente sintetiza. Daí, essa espécie de *franciscanismo* que as produções de REIS SANTOS — como as de todos os verdadeiros homens de ciência — deixam, a cada passo, transparecer, e que consiste na dádiva desinteressada e generosa de materiais, tópicos e sugestões de que outros estudiosos poderão tirar partido em futuros trabalhos de investigação e de exegese.

«VASCO FERNANDES E OS PINTORES DE VISEU DO SÉCULO XVI», recentemente publicado, confirma, de maneira evidentíssima, o que acabamos de afirmar, dando aso a que uma das maiores autoridades na matéria — o Dr. Leo Van Puyvelde, director dos Museus Reais de Belas Artes da Bélgica — manifestasse deste modo o seu apreço admirativo: — «É um livro ao qual, de futuro, terão de recorrer todos os que vierem a tratar da pintura antiga portuguesa». E ainda: — «O que eu admiro, sobretudo, nesta obra, é, mais do que a sua bela apresentação, um método científico levado ao extremo».

Nesta monografia (à qual os seguros conhecimentos de artes gráficas e o apurado bom gosto do Autor deram, na verdade, uma apresentação impecável) LUIZ REIS SANTOS, depois de explicar, no prefácio, a razão de ser do seu trabalho, analisa os antecedentes da pintura viseense do século XVI, caracteriza a famosa escola da Beira Alta e traça as linhas essenciais da sua historiografia. De copiosa documentação — pela primeira vez reunida — o Autor extrai o maior número de notas biográficas, reveladas em conjunto, acerca dos pintores quinhentistas de Viseu; cataloga, com rigoroso critério, a obra desses artistas, identificada ou atribuida, e define a personalidade artística do genial Grão-Vasco — o mais representativo pintor português do século XVI —, do presumível Gaspar Vaz, e do continuador de Vasco Fernandes, António Vaz, procurando especificar, em vários painéis, o que é do Mestre e dos seus colaboradores.

No final, encontra-se um resumo redigido em língua inglesa — que sem dúvida contribuirá para assegurar ao valioso trabalho uma maior expansão no estrangeiro e, conseqùentemente, uma acção cultural mais vasta.

As 146 fotogravuras e a belíssima tetracromia que ilustram o texto — reproduzindo, no conjunto e em pormenor, quase todos os painéis da escola de Viseu que REIS SANTOS inventariou durante longos anos de estudo perseverante e meticuloso — estão impressas com a maior nitidez nas últimas 78 páginas do volume, que é de grande formato e magnìficamente cartonado.

Viagens
NA MINHA INFÂNCIA

POR NATÉRCIA FREIRE

JÁ lá vão quinze anos — ou mais? — que, vestida de flor, fiz de actriz num palco pequeno e improvisado, entre pinheiros esguios que sombreavam clareiras alcatifadas de agulhas, numa atmosfera estonteante de frescura, saborosa a resina e a sal. O mar, de cintilações irrequietas, ficava a pouca distância do minúsculo pinhal rodeado por um muro alto, cujo portão de ferro abria para uma rua sossegada e larga.

Nesse teatro de crianças, todas desempenhámos o nosso papel, compenetrados da responsabilidade do momento. E antes da tarde da festa, durante o ensaios, qual de nós não sentiria o sonho esparso e perturbante dos aromas e da música, dos gestos que experimentávamos para os bailados comedidos e puros?!

De nenhum dos meus companheiros sei já. Aquele que, vestido de veludo azul, incarnava o *Príncipe* no seu sonho, menino de fundos olhos doces e escuros, onde estará agora e que destino terá sido o seu? Como eu, havia mais oito *flores,* escondidas atrás dos canteiros de madeira, pintados a verde, espreitando, prontas a entrar no sonho que, dentro em pouco, era um bailado à volta do moço de fato azul-céu, acabando por ser a volta ao canteiro de madeira, enquanto o *Príncipe* acordava e a valsa morria, morria, lentamente...

Ainda que me vestissem os mais belos fatos, sentia-me sempre confusa e apagada. Lembro-me bem da pena que tive por não entrar em certo bailado alegre, colorido, ressoante ao sapateado que ecoava no palco colocado um metro acima do solo. Aquelas saias e capas vermelhas tomavam aos meus olhos atitudes tão bonitas como impossíveis de igualar. Porque não me teriam escolhido para ele? No entanto, escondida atrás do pano de fundo, eu ajudava o grupo de bailarinas na sua cantiga de romaria:

E viva os fidalgos
e viva os patrões
e viva a alegria
dos nossos vilões.

Inexplicàvelmente cansada, ficava a escutar, triste, o terminar da canção. O cair do sol tinha um tom muito suave, ali, com os pinheiros colocados entre nós e o céu, abafando um pouco mais o silêncio que ficava, depois das outras crianças partirem.

Havia um piano velho e desafinado onde a organizadora da festa — não consigo, por mais que me esforce, recordar o seu rosto, que todavia me dava uma bela sensação de serenidade — deixava que eu tocasse. Só quando via a senhora afastar-se, me sentia calma e dona das minhas acções. Mas logo que pressentia os seus passos, enervava-me e perdia o fio daquela misteriosa comunicação entre mim e os sons do piano velho.

Em casa, vivia a sonhar com as horas do ensaio. De manhã, na praia, ficava incolor e imóvel,

como se os movimentos, as corridas, as brincadeiras não me pertencessem e estivessem desligadas da minha alma.

Certo dia um mocinho chegou atrasado ao ensaio. O portão estava fechado mas ele galgou-o sem dificuldade, sorrindo, com o ar de herói ou de homem que tem alguns garotos. Comecei a notá-lo e a gostar de vê-lo dançar. Logo a seguir, quando o rapaz dos gelados passava na rua apregoando: — *Esquimó* fresquinho!, bastava que o olhasse para que o garoto corresse e, num instante, voltasse com o chocolate para mim.

No dia da festa pediu-me que lhe ajustasse a cabaça a tiracolo. O que senti eu de feminino ou de maternal, nessa altura?

A festa realizou-se de noite e nada faltou para que o pinhal estivesse, de facto, em festa; vieram as estrelas todas e a temperatura fadada para as horas inesquecíveis. Todos fizemos bem o nosso papel e a festa acabou. Vi que as outras crianças continuavam contentes.

Mas, em mim, uma grande saudade começou a ganhar raízes. Muitas vezes, na memória, recompunha as cenas a que me habituara. Ficava na cama até mais tarde, procurando achar

com a recordação o prazer das horas que perdera. Porém, à força de compor sempre o mesmo cenário, a emoção perdeu o encanto e só à passagem do pinhal sentia o sabor de quem encontra um amigo querido.

Por essa altura, no largo fronteiro à nossa casa, veio instalar-se um circo ambulante, de telhado bambo como velas de barcos. Então começou para mim o interesse da expectativa que cada artista me trazia. Nunca me tinham levado a um circo. Eu era a mais nova das irmãs e em casa ninguém apreciava esse espectáculo. Para mim era, pois, tudo novo. Achava as mulheres extraordinàriamente lindas e todos como que pertencendo a uma raça diferente da nossa. Os números interpretados por cada artista atingiam no meu espírito um valor incalculável, colocando-os mais perto dos deuses que dos homens.

Mas um dia vi reduzir-se a tábuas e a panos remendados o objecto dos meus entusiasmos. Começava o outono a apontar nas tardes frias e no cair das folhas. O mar também andava enfurecido e não deixava praia a ninguém. Incolores, sem interesse, começaram a decorrer os meus dias. Às vezes, debruçada no muro da praia, procurava com os olhos o garoto que saltara o portão no dia em que chegara tarde ao ensaio. Mas não. Não era ele nenhum daqueles que deixavam na areia as pègadas que logo a maré vinha apagar...

Num domingo de Outubro, pela manhã, vi-o, então, correndo, sòzinho; perturbei-me à ideia de que me pudesse descobrir, ali, atenta aos seus movimentos e escondi-me depressa, quando percebi que se voltava. A criada que me acompanhava era moça e alegre. Ria-se de mim e eu achava justo e natural o seu riso.

Mais adiante, dados alguns passos, vi que o rapaz subira as escadas e vinha ao meu encontro. Cruzou-se comigo, mas nem sequer me olhou. Acometida do ridículo das minhas sensações, corei e imaginei-me em frente do espelho tal como era: de peugas, saia azul pregueada e camisola vermelha.

Ao chegar a casa reparei que tudo tinha um ar de festa, desde as flores aos rostos dos meus pais e irmãos. Festejavam os meus onze anos, mas eu sabia bem que se enganavam, que só no dia seguinte eu fazia, de facto, anos. Ao cabo de grandes esforços consegui convencê-los do engano em que não acreditavam. Uma tristeza sem nome abriu o seu leito e consigo me adormeceu e insensibilizou para a alegria. Ao deitar-me — recordo como se fosse hoje, e já lá vão quinze anos — uma frase eu repetia, tímida e constrangida, filha do desapontamento gerado no passeio da manhã e da festa antecipada do meu aniversário:

— Tudo trocado, tudo trocado!

DESENHOS DE OFÉLIA MARQUES

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

O êxito do filme «Camões»

Seria uma injustiça dificilmente perdoável deixarmos passar sem comentário o êxito que alcançou a exibição do filme «Camões».

Mete-se pelos olhos de qualquer observador de boa fé que uma produção de tão grande metragem, com um tema de tão pesada responsabilidade, levada a cabo por artistas e técnicos portugueses dentro da nossa «modesta casa», não poderia ficar, senão por um milagre superior ao de Ourique, isenta de defeitos.

Não nos interessa, porém, nem nos compete focá-los nesta revista. O que se impõe à nossa consciência é o reconhecimento público de que Leitão de Barros e os seus colaboradores nos apresentaram uma realização invulgarmente digna e um espectáculo que honra, sob diversos aspectos, a arte e a indústria nacionais.

É consolador verificar, numa terra de amadores, onde só os ânimos heróicos e os esforços hercúleos conseguem atingir, depois de sangrentas lutas, o nível de uma aceitável mediania, que uma obra de grande envergadura — como esta é — pôde ultrapassá-lo com decência, agilidade, elegância, graça e sentido de qualidade. Foi isto que fez de «Camões» *um espectáculo português que se pode exibir lá fora,* como ficou demonstrado em Cannes, durante o Festival Internacional do Filme.

Côlha-se deste facto, mais uma vez, (e agora de modo decisivo), a utilíssima lição de que o Cinema, longe de ser uma brincadeira de rapazes, um fácil negócio da China ou uma perigosa aventura de primários, é uma «máquina» muito complicada e sensível cujo comando só pode ser entregue a quem possua — como Leitão de Barros — uma conta certa de inteligência, sensibilidade artística, cultura geral, experiência, vontade, espírito crítico, sentido da colaboração, energia e preparação técnica.

O Oitavo Centenário da Tomada de Lisboa

Em delegação do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, foram de avião ao Porto, no mês passado, os Srs. Eng.º André Novarro e Pastor de Macedo, a fim de convidarem o Município daquela cidade a fazer-se representar nas comemorações do *Oitavo Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros.*

Da mensagem de que foram portadores — assinada pelo Sr. tenente-coronel Salvação Barreto — registamos os seguintes expressivos passos:

«...Neste propósito de solidariedade nacional, não poderia esta Câmara deixar de ter presentes os municípios do País, em cujos foros — consagrando as liberdades e direitos locais — se constituiu o mais forte alicerce da unidade nacional, e, em primeiro lugar, sem menosprezo dos outros, o Município do Porto, que em todos os grandes lances da História Pátria, exemplar no seu espírito de firmeza e de tenacidade, se encontrou sempre no primeiro plano para o esforço, na primeira fila para o sacrifício, e na primeira hora para a acção; que esteve na Fundação com D. Afonso Henriques, nas expedições a Marrocos e nas descobertas e conquistas com D. João I e o Infante D. Henrique, que colaborou denodadamente na Restauração e na luta contra as invasões francesas, que sempre se encontrou presente com o seu valor, o seu trabalho e o seu patriotismo, em tudo o que deu a Portugal nome, proveito e fama.»

Uma excursão organizada pela Casa do Ribatejo

A nova Direcção da *Casa do Ribatejo* em Lisboa deliberou incluir no programa de trabalhos e diversões da Secção de Propaganda e Cultura da colectividade uma excursão à Golegã, com o fim de proporcionar aos sócios e representantes da Imprensa — estes como convidados — o conhecimento de algumas das mais pitorescas povoações daquela província.

A oportunidade não podia ser melhor escolhida, porquanto o passeio se efectuou na véspera de S. Martinho, com a tradicional e típica feira já inaugurada na vila.

Os excursionistas, transportados em dois auto-carros, fizeram, primeiro, longa paragem na Chamusca, onde lhes foram dadas as boas-vindas pelo Presidente do Município, que sublinhou a necessidade de se tornarem melhor conhecidos dos portugueses (e até dos próprios ribatejanos) os encantos paisagísticos, os valores económicos, a ordem e o espírito de franca hospitalidade do progressivo concelho.

A seguir, teve lugar o almoço, na sede do Grupo dramático e musical «José Nunes Petisca», que foi gentilmente servido por numerosas raparigas da Chamusca, vestidas à camponesa, sendo distribuidos aos convivas, como recordação da visita, emblemas inspirados em motivos da indumentária e da arte popular da região.

Nos discursos pronunciados no final foram postos em relevo o significado e a utilidade desta iniciativa da *Casa do Ribatejo* — que bem merece, de facto, o aplauso unânime dos ribatejanos, e devia ser adoptada por todos os organismos e colectividades da mesma índole.

Uma estrada de turismo em Ponta Delgada

Foi já aberto ao trânsito, no mês passado, o primeiro grande troço da estrada de turismo que ligará Ponta Delgada às Furnas — melhoramento de importância capital e que desde há muito os açoreanos aguardavam ansiosamente.

Com a parte dessa estrada que agora se inaugurou (numa extensão de 20 quilómetros sòlidamente calcetada a paralelipípedos) já fica a referida cidade em ligação com a Ribeira Grande — que é, como se sabe, o segundo núcleo populacional da ilha.

«Panorama» regista

★ O interesse artístico da *Exposição dos Pintores da Marinha Francesa,* realizada no Museu das Janelas Verdes, quando da recente visita do cruzador «Richelieu» — a qual veio lembrar, mais uma vez, a conveniência de se promover a organização no nosso país de um grande Museu do Mar.

★ A extraordinária animação com que decorreu, este ano, a Feira de S. Martinho na Golegã — sendo de lamentar que o recinto não corresponda, pela exiguidade de espaço e pobreza ornamental, à grandiosidade e pitoresco do espectáculo.

★ A notícia de que uma comissão de algarvios veio a Lisboa pedir ao Governo as necessárias providências para que se executem importantes obras nas Caldas de Monchique, das quais beneficiarão a província do Algarve e toda a região ao sul do Tejo.

★ A imponência da *Exposição de Arte Sacra,* com a qual se iniciaram as comemorações do Tricentenário da Padroeira e o 2.º Congresso Nacional Mariano, efectuados em Évora no mês de Outubro.

★ O acertado critério que presidiu à organização do programa da Feira de S. Mateus, em Viseu, bem como do folheto de propaganda turística oportunamente publicado.

★ O interesse cultural da *Exposição do Livro Espanhol,* que teve lugar na Sociedade Nacional de Belas Artes, durante o mês de Outubro.

A HABITAÇÃO RURAL

POR

LUIZ QUARTIN GRAÇA

Desde que a família é a célula fundamental da sociedade, a casa que a alberga é o seu complemento indispensável, com a mais alta repercussão na moral, na economia doméstica e até mesmo no ambiente da aldeia.

Sob a designação genérica de «casa rural» pode-se considerar, quer o conjunto de cómodos da grande propriedade agrícola, quer as instalações do médio ou do pequeno proprietário, quer ainda a residência do trabalhador, quer se limite à jorna, ou complete com o trabalho em terras alheias os proventos em dinheiro ou em géneros que tira duns palmos de terreno em volta da sua habitação.

Abstraindo de um certo número de casas agrícolas em que as instalações para os proprietários, trabalhadores fixos e temporários e, bem assim, o assento da lavoura, obedecem a um critério técnico e higiénico ou a um plano de conjunto bem elaborado, a maior parte das instalações agrícolas ou é incompleta ou deficientíssima. Falta, em regra, o sentido das proporções e o do aproveitamento racional das possibilidades. Nalguns casos, as dimensões das instalações não estão de acordo com a capacidade de produção, pecando por defeito ou por excesso, com evidentes prejuízos para o capital. Noutros, dotam-se as construções de luxo excessivo; pior ainda, há a preocupação da beleza exterior, sacrificando ao aspecto as exigências técnicas a que os edifícios deveriam obedecer.

Mas se na grande propriedade estes inconvenientes, que são de ponderar, não trazem, por vezes, dificuldades de maior, graças aos recursos de que os seus proprietários podem dispor, tal não se verifica no que diz respeito ao médio ou pequeno proprietário, cuja família comparticipa da faina agrícola, e ao modesto trabalhador rural.

Para estes a «casa rural» tem importância fundamental. A sua racionalização pode vir a contribuir decisivamente para a modificação e melhoria das suas condições de vida e para a evolução dos seus conceitos sociais.

Na realidade o ideal seria que todos fôssem proprietários, pelo menos da humilde casinha em que vivem.

Na Conferência Europeia da Higiene Rural, reunida sob os auspícios da Sociedade das Nações, em Genève, em Junho de 1931, proclamou-se : «Os técnicos reconheceram por unanimidade que é necessário melhorar as condições de habitação dos trabalhadores agrícolas e consideraram que sob o ponto de vista da higiene e do saneamento rural a importância deste factor é tal que na falta de melhoria das condições de habitação não sòmente seria atrazado todo o progresso real da higiene pública mas, também, tornar-se-iam ineficazes muitos trabalhos excelentes e úteis».

Correlacionando os problmas da habitação com os da higiene e do saneamento afirmou-se que «o ensino, as escolas e os centros de educação deverão fazer ver às gerações jovens as vantagens resultantes da melhoria de condições de habitação; a propaganda, por seu lado, exerce sobre as gerações mais antigas uma forte influência, apresentando-lhe vantagens análogas».

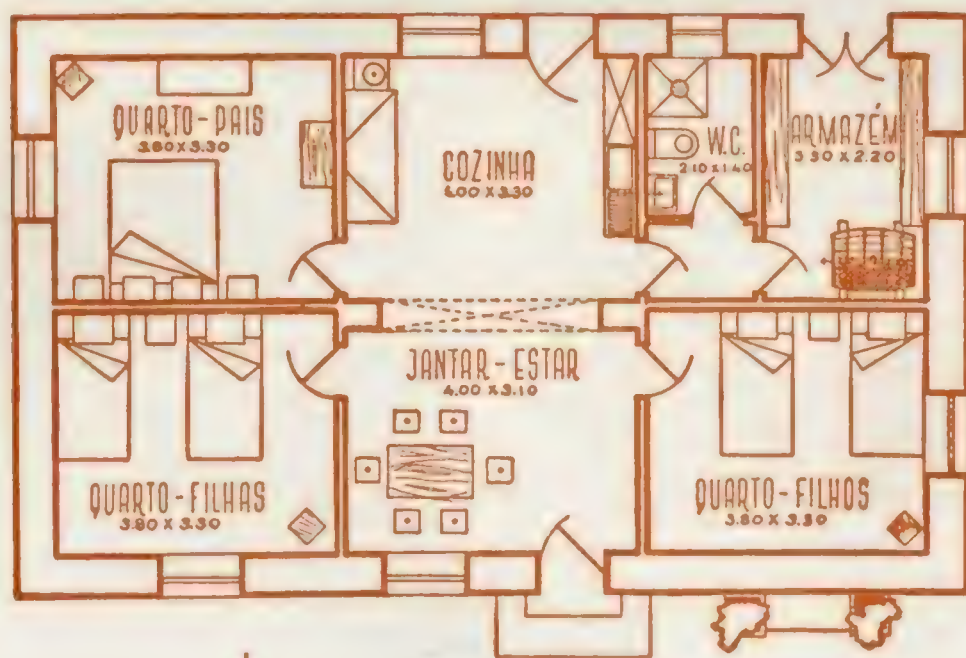
Em Setembro de 1939 deveria reunir no

mesmo local a «Conferência Europeia da Vida Rural». No programa de trabalhos figurava o tema «A casa e o apetrechamento rural». Nalguns países fizeram-se inquéritos especiais sobre o estado da habitação rural e das providências tomadas pelos respectivos Governos para a melhoria da situação. O relator do trabalho foi Vignerot, que nesse mesmo ano publicou o «Inquérito sobre a habitação em França» no qual declara: «Uma das causas do êxodo rural é a insuficiência da habitação. Um dos meios mais eficazes para lutar contra este êxodo reside, por consequência, na melhoria da habitação rural ao mesmo tempo que do apetrechamento racional da vida do campo». E os professores Rochaix e Tapernoux no seu recente trabalho «Higiène des milieux ruraux» afirmam: «A melhoria do «habitat» rural é um dos assuntos mais importantes e urgentes a resolver actualmente».

Entre nós, muito pouco ou nada se tem feito em favor da melhoria da habitação, não só do trabalhador rural mas até mesmo do proprietário agrícola. Pode dizer-se afoitamente que a maioria das casas, mesmo de médios e grandes proprietários, são desprovidas, não diremos já de um conforto moderno, mas de um ambiente racional e de elementares condições de higiene. Instalações sanitárias — retretes, casas de banho — são quase inexistentes. A defesa contra as moscas e mosquitos é, nomeadamente nas regiões palustres, bastante descuidada.

A Direcção Geral de Saude procedeu, há anos, a um interessante, se bem que rápido, inquérito onde se focam alguns dos principais problemas da higiene rural e conseqùentemente da habitação.

Recentemente, foi publicado o primeiro volume, relativo a algumas regiões do norte do País, do «Inquérito à Habitação Rural» promovido pela Universidade Técnica e onde se focam as condições de habitação e de higiene e as possibilidades de algumas classes de trabalhadores das regiões consideradas.

Constituem estes estudos valiosos subsídios para o problema da habitação, a que há a juntar uma contribuição ainda que modesta, mas mais recente: a da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho cuja «acção rural» promoveu em 1942, sob nossa orientação, por inter-

Planta e alçado de uma casa de habitação rural. — Projecto do Eng.º agrónomo M. Botelho de Macedo.

médio das «Casas do Povo», um inquérito sumário às condições de habitação dos trabalhadores rurais.

Desse trabalho, que não teve outra pretensão do que «explorar» o meio, foi possível tirarem-se algumas indicações curiosas.

A família do nosso rural é composta por um número de pessoas muito variável. Como média, pode-se dizer que é constituida por 4 a 5 pessoas; há, no entanto, famílias em que esse número se eleva a 8, 10, 12 e mesmo mais, mas, nalguns pontos, como no Ribatejo, a maioria não excede 4 componentes.

Conforme as regiões, o rural é apenas operário agrícola assalariado, alterna a jorna com o cultivo dalgumas parcelas de terreno que arrenda ou lhe pertence, ou é ainda pequeno proprietário, duma mediania que, dispensando-o de trabalhar por conta alheia, o obriga porém a um nível de vida igual ao dos outros trabalhadores.

Como sequência, em toda a parte, há os que vivem em casa própria e os que a têm de aluguer. Umas e outras, com raras excepções, são do mesmo nível no tocante à situação dos que as habitam e às condições de higiene e de conforto.

Quer seja própria ou de aluguer, é formada por um ou dois pisos e dispõe normalmente de uma a quatro e, raras vezes, cinco divisões, para albergar famílias que vão de 3 a 12 e mesmo mais pessoas!

São frequentes as habitações formadas por uma única peça que tanto é cozinha, como casa de estar e dormitório, servindo, por vezes, ainda para à noite recolher aves, coelhos e até burros!

Dum modo geral as casas são constituidas por 3 a 4 divisões: cozinha que é quase sempre o ponto habitual de reunião da família, quando não dispõe de «sala» e quartos. Nalgumas regiões a descrição da casa resume-se a «casa de fora ou de entrada», «casa do meio» e cozinha.

As casas, na maioria, são térreas. No norte do País predominam as de dois pisos, sendo a habitação no primeiro andar e servindo a «loja» para recolha dos animais, armazém das colheitas e das alfaias agrícolas.

As rendas variam de 60 a 600$00 anuais. As mais frequentes, regulam entre 180 e 360$00 anuais e são pagas em dinheiro, em géneros, ou por prestação de trabalho.

Convencidos da necessidade urgente de se modificarem as condições de habitação dos trabalhadores rurais, pelo reflexo que podem vir a ter na vida dos campos, solicitou-se ao engenheiro agrónomo Mário Botelho de Macedo, técnico especializado no problema das construções rurais, a elaboração de um projecto-tipo do que deveria ser uma casa para um trabalhador rural com uma família de 6 pessoas. Esse projecto, bem como a respectiva memória descritiva, foi publicado no órgão rural da F. N. A. T., em Fevereiro de 1942.

Julgamos interessar o leitor apresentando a planta e o alçado principal de uma casa que poderá ser tomada como modelo para a habitação racional de um pequeno proprietário ou de um trabalhador agrícola, projectada pelo mesmo técnico.

A «casa rural» difere, fundamentalmente, da habitação citadina ou da de certos meios industriais, por não atender apenas ao alojamento das pessoas, mas sim ao conjunto de factores inerentes à vida do campo.

Consideram-se assim, nas mais modestas, pelo menos, o celeiro, o estábulo ou cavalariça, a pocilga, a capoeira e a coelheira, a nitreira, o alpendre para os carros, etc. E, se a propriedade o justificar, há também a ter em conta o ovil, o silo, o pequeno lagar, adega ou armazém, o moinho, etc.

Uma «casa rural» em condições é o elemento básico do bem estar, alegria e prosperidade do trabalhador — e o grande meio para a sua fixação à terra, para que reviva a tradição das famílias rurais.

(De um dos capítulos de «Problemas da Vida Rural» — 5.º volume da Biblioteca Rural, publicada sob a direcção do Eng.º Agrónomo L. Quartin Graça. Edição da Livraria Luso-Espanhola, Lda.).

DESENHOS DE CARLOS RIBEIRO

MUSEU REGIONAL DE ÉVORA

(Continuação)

Depois — atendendo, a um tempo, à índole heterogénea do recheio, à exiguidade das verbas e à máxima comodidade e bem-estar do visitante — encontrar uma ordem lógica para a arrumação das várias espécies, em ambientes próprios e atraentes. Foi uma árdua tarefa, que exigiu longos meses de estudo, muita e desinteressada dedicação e, por vezes, um esgotante dispêndio de energias.

O projecto da distribuição das colecções pelos dois pisos do edifício destinou o rés-do-chão às peças de Arquitectura, Escultura e Epigrafia, e o andar nobre às de Pintura e Artes Decorativas.

O Museu, depois de concluídas as obras, ficará dispondo de mais de trinta divisões — salas e galerias, das quais já se encontram onze completamente remodeladas e cerca de vinte abertas ao público.

Estátua romana. (Museu Regional de Évora).

O modo como foi estudada a circulação dos visitantes, permite que cada grupo de salas e galerias possa ser visto independentemente dos grupos distantes, e que as superfícies de exposição possam ser consideràvelmente aumentadas.

A actual reorganização do Museu foi subordinada pelo seu director aos seguintes princípios: de que às obras expostas devem ser destinadas salas que permitam no futuro o aumento de cada colecção, sem que para isso precisem de sofrer grandes transformações; de que para cada colecção deve ser escolhido um ambiente apropriado, no qual as obras que a compõem possam ser examinadas isoladamente, e de que às maiores peças existentes (como portais, janelas, grandes túmulos, pedras sepulcrais, etc.) convem sempre dar a primitiva posição.

A razão de ser do critério adoptado patenteia-se à admiração dos espíritos mais esclarecidos e dos mais sensíveis amadores de obras de arte, na arrumação definitiva das colecções que recheiam algumas das salas já totalmente remodeladas, como — no primeiro piso — a da Arquitectura e Escultura do Século XVI e — no andar nobre — as da Pintura Portuguesa e Exposições temporárias, a do Políptico da Virgem e a do Mobiliário do século XVIII, onde se encontra um jogo de canapé e cadeiras que são, no estilo, as peças mais delicadas dos nossos museus.

O arranjo da primeira das referidas salas — onde está exposto o imponente cenotáfio do bispo D. Afonso de Portugal, burilado pelo mestre francês Nicolau Chanterene — é um prodígio de justas proporções, harmonia de perspectivas e adequada iluminação.

Na sala e galeria contíguas coleccionaram-se peças manuelinas (em que elementos decorativos de estilo gótico se combinam com elementos da arte mudexar), peças decoradas de elementos góticos e do Renascimento e, ainda, portais, túmulos e esculturas da mesma época, notàvelmente valorizadas pelo mesmo critério de arrumação artística, de harmonia com as modernas normas museográficas.

O Museu, como já vimos, dispõe também de salas destinadas a Exposições temporárias, podendo-se admirar, actualmente, numa delas, além de uma riquíssima colecção de pinturas e miniaturas portuguesas do século XVII, algumas obras primas dos nossos pintores primitivos: a «Natividade» de Frei Carlos, os «Dois bispos» (no estilo do Mestre do Sardoal), o Tríptico da Mitra, etc.

Noutra, estão patentes ao público magníficas tábuas de mestres flamengos e holandeses seiscentistas, das quais se destacam: o «Retrato de personagem desconhecido», de A. de Vris, e «Paisagem na neve», de Hendrick Avercamp, cujas reproduções ilustram este artigo.

Diga-se, para terminar: Mário Chicó — que encontrou em Florentino Cardoso, conservador do Museu, um dedicado e probo colaborador — está realizando uma obra cultural indiscutìvelmente séria e admirável, à qual a cidade de Évora ficará a dever mais um importante elemento de atracção.

J. Nunes Ribeiro.

SERRA DA LOUSÃ

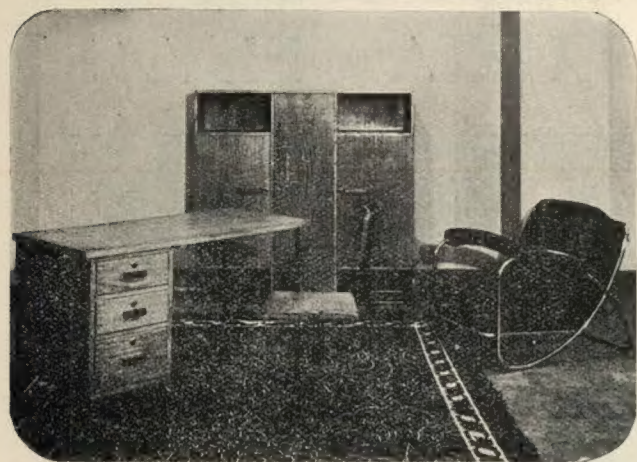
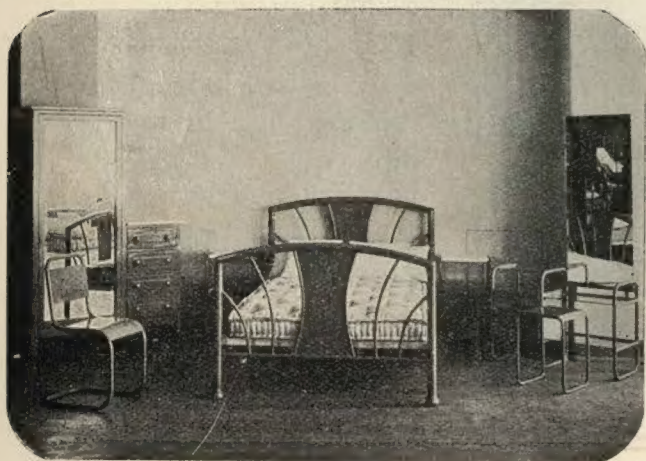
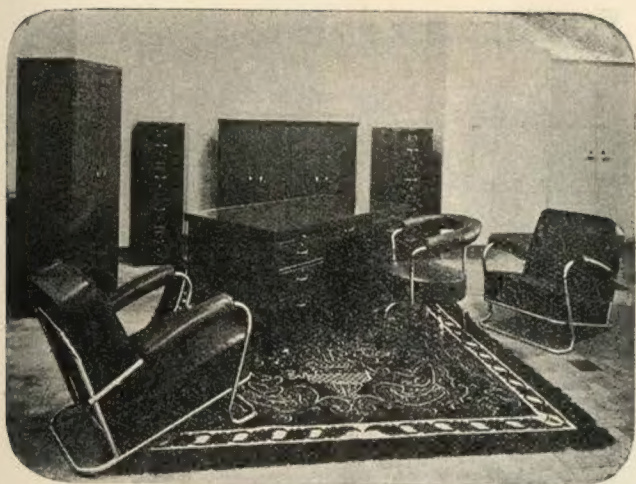
A Serra da Lousã constitui a parte mais elevada do extremo sudoeste do sistema central português, e ergue-se, quase a prumo, sobre uma formosíssima peneplanície atravessada pelo rio Ceira. Para se alcançar o marco geodésico do ponto culminante da serra (a 1.202 metros de altitude) chamado «Altar de Trevim», segue-se primeiramente a estrada que parte de Lousã para Castanheira. O xisto, resistente e anguloso, disperso mais ou menos caòticamente, torna a subida — por veredas e caminhos velhos — demorada e incómoda. Mas vale a pena! A vista que daí se abrange é circular e vastíssima, de uma amplitude indefinida, deslumbrante. Em dias de boa luz avista-se do lado do Poente: o Buçaco, a Bairrada, a Boa Viagem, o Atlântico; do lado do Sul: o Espinhal, o maciço de Porto de Mós e o próprio Ribatejo, até Marvão; a Nascente: a Guardunha e os longes das Serras da Gata e de Gredos; do Norte: os penedos de Fajão, o Colcorinho, os Cântaros da Estrela, o Caramulo, a Gralheira...

Estamos no centro de Portugal, a dois passos de Lisboa, que é como quem diz: a breves horas de combóio, e mais breves ainda de automóvel. Coimbra está ali bem perto... De lá partiram, um dia, para uma excursão à serra, três portugueses de boa vontade: — Vergílio Correia, Amorim Girão e Torquato de Sousa Soares, professores da Faculdade de Letras. Desse, e de mais quatro passeios que no mesmo ano (1939) efectuaram, no cumprimento do programa de estudos de um Curso de Férias, resultou a publicação de um livro admirável — «Excursões no Centro de Portugal» cuja leitura recomendamos.

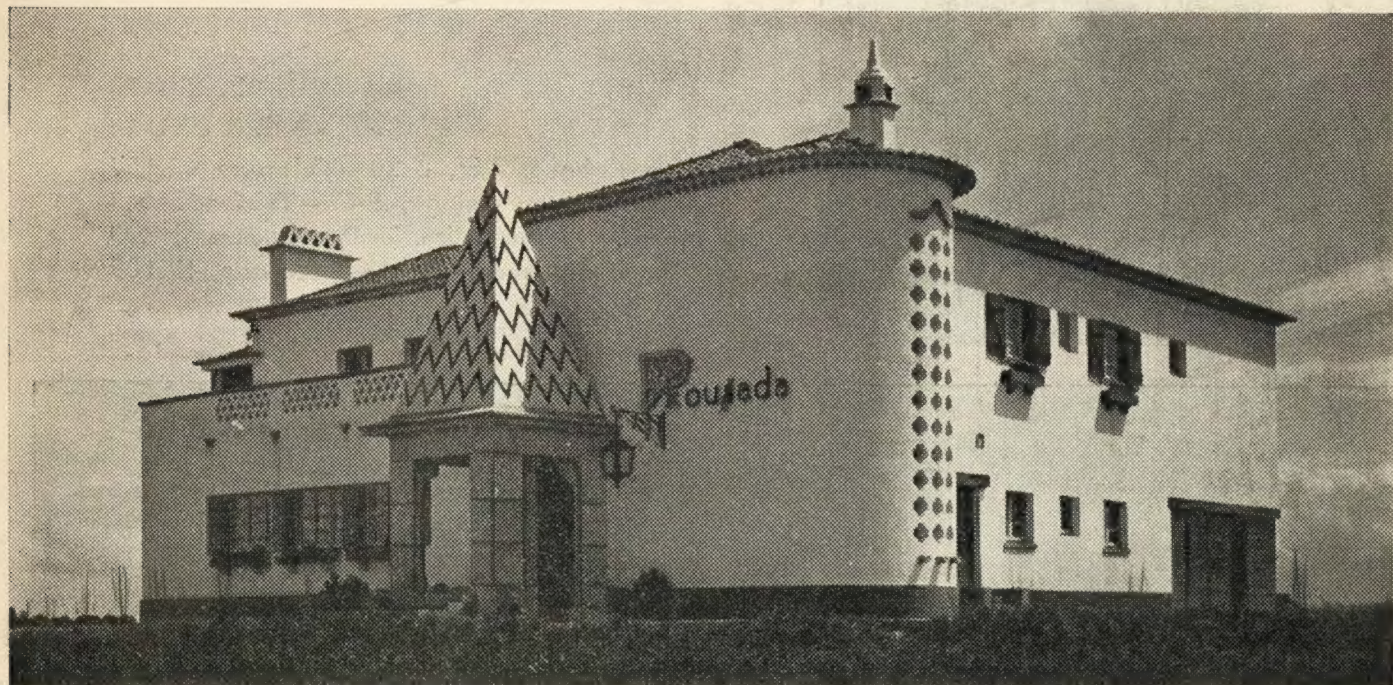
Ao Castelo da Lousã e ao Santuário da Senhora da Piedade (os mais atraentes e importantes valores turísticos da serra) consagrou o professor Vergílio Correia, na referida obra, um elucidativo trabalho, cujos primeiros passos transcrevemos:

— «Não se encontra recanto histórico-paisagístico mais impressionante do que este em todo o distrito de Coimbra, onde, aliás, tantos sítios dignos de admiração existem, quer pelas obras do homem, quer pelas prodigiosas realidades naturais. O Castelo e a Senhora da Piedade da Lousã constituem um conjunto originalíssimo, impossível de repetição e de imitação. A ribeira, apressada e coleante, desenha, em parte, a base do surto penhascoso onde se alcandoram as ermidas, e a da altura castrega alongada, em cuja extremidade acessível os medievos ergueram a torre altaneira de xisto pardo que senhoreava a povoação e a cidadela; move ainda as rodas das azenhas, deve criar trutas nas suas águas batidas, e serve, mais abaixo, a fábrica de papel. O rumor contínuo da corrente forma, como o ruído das vagas no litoral, um fundo monotónico que não perturba a serenidade do ambiente».

Fotogravura Nacional, L.da

DINHEIRO BEM
EMPREGADO
COMPRANDO
PRODUTOS DE
QUALIDADE.
10.000.00
PRODOTTI
GARANTITI
VENTRESCA
RAMIREZ

POUSADA DE S. BRÁS-DE-ALPORTEL

A Pousada de S. Brás, situada a 240 m. de altitude, é um óptimo ponto de partida para excursões aos mais pitorescos trechos do Algarve. Fica junto à Estrada Nacional, a 200 km. de Lisboa, a 16 km. de Faro e a 65 km. de Vila-Real-de-Santo-António. Escreva a reservar um quarto para ali passar um delicioso fim de semana, ou mesmo alguns dias de férias. Telefone: S. Brás-de-Alportel, 5.

POUSADA DE SANTA LUZIA • ELVAS

A Pousada de Santa Luzia, confortável e hospitaleira, fica na estrada de Lisboa a Elvas, a 200 m. desta cidade, a 8 kms. de Caia e a 228 kms. de Lisboa. Por escrito ou pelo telefone (Elvas, 19) pode mandar-se reservar um quarto ou avisar da sua chegada para um delicioso fim-de-semana.

Como nasce um medicamento N.º 1

Inúmeros obstáculos, difíceis de vencer, marcam o caminho a percorrer, desde que a ideia dum novo medicamento surgiu até à sua realização. Apesar de toda a satisfação da descoberta, um certo cepticismo se impõe ao cientista. A desilusão seria certamente amarga, se constatasse depois que, tendo acreditado na originalidade do seu invento, outros, anteriormente, haviam tido já a mesma ideia. Assim é indispensável armar-se contra esta eventualidade e verificar cuidadosamente tudo o que pode apresentar uma relação, mesmo indirecta, com a nova ideia. Isto implica o estudo de numerosos trabalhos especializados, para suprimir até à mínima dúvida acerca da originalidade do invento. Só então o cientista pode entrar em contacto com os especialistas e estudar com os técnicos a realização prática da sua descoberta. Uma vez bem estabelecidas a originalidade do invento e a possibilidade da sua exploração prática, é preciso em primeiro lugar formular o pedido de patente, pois só os inventos protegidos pela Lei, justificam instalações e aparelhagens dispendiosas, para a fabricação.

A biblioteca de Ciba em Basileia, permite proceder nos mínimos pormenores a todas as pesquizas científicas. Constituída por uma biblioteca central e por bibliotecas especiais pertencentes aos vários departamentos, compreende mais de 15.000 obras, incluindo as relativas aos produtos corantes, não sendo porém consideradas as centenas de volumes das pequenas bibliotecas seleccionadas, dos vários serviços.

A Ciba recebe regularmente 300 revistas especiais em 14 línguas e, ocasionalmente, 50 outros periódicos particulares. Cada ano, requisita, por empréstimo, milhares de livros, às bibliotecas suíças e estrangeiras.

O cientista e cada colaborador recebem toda a literatura apropriada, escolhida com aquela atenção minuciosa que caracteriza os métodos de trabalho da Ciba e oriente igualmente a preparação dum medicamento marca «Ciba».